

Edição especial

ANO 8 - NÚMERO 108 - OUTUBRO 2023

xapuri

SOCIOAMBIENTAL

R\$ 30



CNS 38 ANOS: UMA HISTÓRIA DE LUTA E RESISTÊNCIA

p. 08

HISTÓRIA SOCIAL

Chico Mendes:
um ser humano de extrema leveza
p. 14

ECOLOGIA

Amazônia e Cerrado
p. 22


MEMÓRIA

Cinzas para as Amazôniaas:
o legado de Carlos Walter
p. 48

A ESPERANÇA ESTÁ A UM CLIQUE



JUNTOS A GENTE FAZ
O FUTURO BRILHAR



**No Mês das Crianças sua
solidariedade conta muito!
Dê um clique e faça o futuro
de uma criança brilhar.**

**São mais de 20 projetos que
ajudam crianças e suas famílias a
desenvolverem conhecimento,
cultura e esporte!**



FENAE

FEDERAÇÃO NACIONAL DAS ASSOCIAÇÕES
DO PESSOAL DA CAIXA ECONÔMICA FEDERAL

CONHEÇA A
CAMPANHA
E FAÇA SUA
DOAÇÃO!



www.fenae.org.br/futurobrilhar

Uma revista pra chamar de nossa

Era novembro de 2014. Primeiro fim de semana. Plena campanha da Dilma. Fim de tarde na RPPN dele, a Linda Serra dos Topázios. Jaime e eu começamos a conversar sobre a falta que fazia termos acesso a um veículo independente e democrático de informação.

Resolvemos fundar o nosso. Um espaço não comercial, de resistência. Mais um trabalho de militância, voluntário, por suposto. Jaime propôs um jornal; eu, uma revista. O nome eu escolhi (ele queria Bacurau). Dividimos as tarefas. A capa ficou com ele, a linha editorial também.

Correr atrás da grana ficou por minha conta. A paleta de cores, depois de larga prosa, Jaime fechou questão – “nossas cores vão ser o vermelho e o amarelo, porque revista tem que ter cor de luta, cor vibrante” (eu queria verde-floresta). Na paz, acabei enfiando um branco.

Fizemos a primeira edição da Xapuri lá mesmo, na Reserva, em uma noite. Optamos por centrar na pauta socioambiental. Nossa primeira capa foi sobre os povos indígenas isolados do Acre: *Isolados, Bravos, Livres: Um Brasil Indígena por Conhecer*. Depois de tudo pronto, Jaime inventou de fazer uma outra boneca, “porque toda revista tem que ter número zero”.

Dessa vez finquei pé, ficamos com a capa indígena. Voltei pra Brasília com a boneca praticamente pronta e com a missão de dar um jeito de imprimir. Nos dias seguintes, o Jaime veio pra Formosa, pra convencer minha irmã Lúcia a revisar a revista, “de grátis”. Com a primeira revista impressa, a próxima tarefa foi montar o Conselho Editorial.

Jaime fez questão de visitar, explicar o projeto e convidar pessoalmente cada conselheiro e cada conselheira (até a doença agravar, nos seus últimos meses de vida, nunca abriu mão dessa tarefa). Daqui rumamos pra Goiânia, para convidar o arqueólogo Altair Sales Barbosa, nosso primeiro conselheiro. “O mais sabido de nós”, segundo o Jaime.

Trilhamos uma linda jornada. Em 80 meses, Jaime fez questão de decidir, mensalmente, o tema da capa e, quase sempre, escrever ele mesmo. Às vezes, ligava pra falar da ótima ideia que teve, às vezes sumia e, no dia certo, lá vinha o texto pronto, impecável.

Na sexta-feira, 9 de julho, quando preparávamos a Xapuri 81, pela primeira vez em sete anos, ele me pediu para cuidar de tudo. Foi uma conversa triste, ele estava agonizado com os rumos da doença e com a tragédia que o Brasil enfrentava. Não falamos em morte, mas eu sabia que era o fim.

Hoje, cá estamos nós, sem as capas do Jaime, sem as pautas do Jaime, sem o linguajar do Jaime, sem o jaimês da Xapuri, mas na labuta, firmes na resistência. Mês sim, mês sim de novo, como você sonhava, Jaiminho, carcamos porva e, enfim, chegamos à nossa edição número 100. E, depois da Xapuri 100, como era desejo seu, a gente segue esperneando.

Fica tranquilo, camarada, que por aqui tá tudo direitim.



Arthur Wentz Silva
Estagiário



Lúcia Resende
Revisora



Emir Bocchino
Diagramador



Maria Leticia Marques
Redatora



Igor Strochit
Diagramador



Geovana Vilas Bôas
Assistente Administrativa



Janaina Faustino
Gerente Executiva



Zezé Weiss
Editora

EXPEDIENTE

Xapuri Socioambiental: Telefone: (61) 99967 7943. E-mail: contato@xapuri.info. Razão Social: Xapuri Socioambiental - Comunicação de Resistência Ltda. CNPJ: 10.417.786\0001-09. Endereço: BR 020 KM 09 - Setor Village - Caixa Postal 59 - CEP: 73.814.-500 - Formosa, Goiás. Edição: Zezé Weiss, Revisão: Lúcia Resende. Produção: Zezé Weiss. Jornalista Responsável: Thais Maria Pires - 386/GO. Marketing e Responsabilidade Social: Janaina Faustino (61) 9 9611 6826. Mídias Sociais: Eduardo Pereira. Tiragem: Edição Impressa - 1.000 - 5.000. Envio Eletrônico - 100.000. Circulação: Todos os estados da Federação. Revista Web: www.xapuri.info. Distribuição: Todos os estados da Federação. ISSN 2359-053x.



UMA HISTÓRIA DE LUTA E RESISTÊNCIA

Mês passado, o amigo Júlio Barbosa de de Aquino, presidente do Conselho Nacional das Populações Extrativistas, pediu que fizessemos uma Xapuri especial, contando um pouco da luta do CNS, para celebrar seus 38 anos de luta e resistência, completados neste mês de outubro de 2023.

Essa proeza só se tornou possível porque, de repente, como tantas outras vezes, a produção da Xapuri tornou-se uma tarefa coletiva. Optamos por, além do registro histórico, contar um pouco das pessoas que fizeram e fazem o CNS acontecer.

Desde Portugal, a educadora Fátima Cristina da Silva, militante orgânica da história do movimento, abriu arquivos, revolveu memórias, escreveu e revisou textos, deu o norte na construção da pauta da revista.

Do Acre, o escritor Marcos Jorge Dias, estudante de jornalismo e conselheiro nosso, tomou pra si a parte mais dura da empreitada: pesquisar, organizar e formatar os perfis de todos os presidentes do CNS, nessas suas quase quatro décadas de vida.

Esta Xapuri 108 traz contribuições fundamentais do Ailton Krenak, nosso conselheiro imortal, do Altair Sales, do Antenor Pinheiro, da Bia de Lima, nossa conselheira deputada estadual pelo PT-GO, do Elson Martins, do Pedro Tierra e de muito mais gente, a quem agradecemos. Mas o que a cimenta é o trabalho feito a seis mãos com Cristina e Marcos Jorge. Gratidão!

Boa Leitura!



Zezé Weiss – Editora

Jaime Sautchuk – Editor (*in memoriam*)

COLABORADORES/AS - SETEMBRO

Ailton Krenak – Escritor. **Altair Sales Barbosa** – Arqueólogo. **Antenor Pinheiro** – Geógrafo. **Bia de Lima** – Parlamentar. **Chico Mendes** – Ambientalista (*in memoriam*). **Cleiton Silva** – Sindicalista. **Dione Torquato** – Extrativista. **Eduardo Pereira** – Sociólogo. **Emir Bocchino** – Designer. **Elson Martins** – Jornalista. **Fátima Cristina da Silva** – Educadora. **Geovana Vilas Bôas** – Assistente Administrativa. **Iêda Leal** – Gestora Pública. **Iêda Vilas-Boas** – Escritora (*in memoriam*). **Igor Strochit** – Designer. **Janaina Faustino** – Gestora Ambiental. **Júlio Barbosa de Aquino** – Líder Extrativista. **Leticia Santiago de Moraes** – Extrativista. **Lúcia Resende** – Professora. **Marcos Jorge Dias** – Escritor. **Marina Silva** – Ministra de Estado. **Pedro Ramos de Sousa** – Líder Extrativista. **Pedro Tierra** – Poeta. **Zezé Weiss** – Jornalista.

“Parabéns a todos [e todas] vocês, é isso mesmo, companheiros [e companheiras], hoje a luta é de todos [e todas] nós.”

Chico Mendes

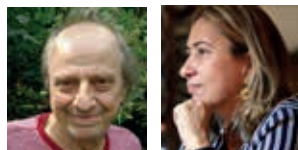
CONSELHO EDITORIAL

Adair Rocha - Professor Universitário. Adrielle Sldanha - Geógrafa. Ailton Krenak - Escritor. Altair Sales Barbosa - Arqueólogo. Ana Paula Sabino - Jornalista. Andréa Luísa Teixeira - Professora. Andrea Matos - Sindicalista. Ângela Mendes - Ambientalista. Antenor Pinheiro - Jornalista. Binho Marques - Professor. Cleiton Silva - Sindicalista. Dulce Maria Pereira - Professora. Edell Moraes - Ambientalista. Eduardo Meirelles - Jornalista. Elson Martins - Jornalista. Emir Bocchino - Arte finalista e Diagramador. Emir Sader - Sociólogo. Gomercindo Rodrigues - Advogado. Graça Fleury - Socióloga. Hamilton Pereira da Silva (Pedro Terra) - Poeta. Iêda Leal - Educadora. Jacy Afonso - Sindicalista. Jair Pedro Ferreira - Sindicalista. José Ribamar Bessa Freire - Escritor. Júlia Feitoza Dias - Historiadora. Kretã Kaingang - Líder Indígena. Laurenice Noleto Alves (Nonô) - Jornalista. Lucélia Santos - Atriz. Lúcia Resende - Revisora. Marcos Jorge Dias - Escritor. Maria Félix Fontele - Jornalista. Maria Maia - Cineasta. Paulo Valério Silva Lima - Professor. Rosilene Corrêa Lima - Jornalista. Samuel Pinheiro Guimarães Neto - Diplomata. Trajano Jardim - Jornalista. Zezé Weiss - Jornalista.



IN MEMORIAM:

Jaime Sautchuk - Jornalista.
Iêda Vilas- Bôas - Escritora.



CONSELHO GESTOR

Agamenon Torres Viana - Sindicalista. Eduardo Pereira - Produtor Cultural. Iolanda Rocha - Professora. Janaina Faustino - Gestora Ambiental. Joseph Weiss - Eng. Agro. PhD. Rafael Oliveira - Membro do Conselho Gestor.





Xapuri 108

SOCIOAMBIENTAL

OUT 23

- 08 CAPA**
CNS 38 anos:
uma história de luta e resistência
- 13 PERFIL**
Júlio Barbosa de Aquino: Presidente
do CNS (1989–1992/2019–2023)
- 14 HISTÓRIA SOCIAL**
Chico Mendes: um ser humano
de extrema leveza
- 15 BIODIVERSIDADE**
Samaúma
- 16 PERFIL**
Jaime da Silva Araújo: primeiro
Presidente do CNS (1985–1988)
- 19 CULTURA**
Hino do Seringueiro
- 20 CONSCIÊNCIA NEGRA**
Nice Machado: Secretária de
Mulheres do CNS
- 21 JUVENTUDE**
Leticia Santiago de Moraes:
Secretária de Juventude do CNS
- 22 ECOLOGIA**
Amazônia e Cerrado
- 25 HOMENAGEM**
Mary Allegretti:
uma companheira imprescindível
- 26 CHICO MENDES**
Chico Mendes “O Grito Verde que Anda”
- 27 CHICO MENDES**
Angela Mendes:
compromisso com a resistência
- 28 JUVENTUDE**
Dione Torquato:
primeiro Secretário de Juventude do
CNS
- 29 PERFIL**
Atanagildo de Deus Matos (Gatão):
Presidente do CNS (1995–1998)
- 30 FOTOGEOGRAFIA**
Chão urbano para todos
- 31 MULHERES EXTRATIVISTAS**
Célia Regina das Neves:
referência na luta extrativista
- 33 CHICO MENDES**
Chico Mendes projetou uma utopia
- 34 CNS**
Diretorias do CNS (1985–2023)
- 35 CHICO MENDES**
Carta para o mano Chico Mendes
- 38 PERFIL**
Antonio Adevaldo Dias da Costa:
Presidente do Memorial Chico Mendes
- 39 PERFIL**
José Juarez Leitão dos Santos:
Presidente do CNS (1998–2002)
- 42 MULHERES**
Edel Nazaré de Moraes Tenório:
Vice-Presidenta do CNS
- 43 MULHERES**
Maria do Socorro Teixeira Lima:
Vice-Presidenta do CNS
- 44 HOMENAGEM**
Juan Carlos Carrasco Rueda:
um imprescindível companheiro
- 45 PERFIL**
Manoel Cunha: Presidente do CNS
(2005–2009/2009–2012)
- 46 MITOS E LENDAS**
No tempo da “panema”
- 47 MEMÓRIA**
Joaquim Correa de Souza Belo Presidente
do CNS (2002–2005/2015–2019)
- 48 MEMÓRIA**
Cinzas para as Amazônias:
o legado de Carlos Walter



Foto: Divulgação

CNS 38 ANOS: UMA HISTÓRIA DE LUTA E RESISTÊNCIA

Fátima Cristina da Silva, Marcos Jorge Dias e Zezé Weiss

Há 38 anos, as veias ardentes de um combativo movimento extrativista amazônico saltaram as fronteiras da floresta para, em Brasília, durante o I Encontro Nacional dos Seringueiros, mostrar ao Brasil e ao mundo a força de uma voz coletiva em defesa das populações extrativistas da Amazônia. Ali surgiu, em 17 de outubro de 1985, o Conselho Nacional dos Seringueiros, o CNS.

Foi também ali que, em nome do recém-criado CNS, um ousado seringueiro acreano apresentou, pela primeira vez, a proposta

dos próprios povos da floresta de uma reforma agrária ecológica para a Amazônia. A proposta era a das Reservas Extrativistas, que permitem às famílias da floresta a posse da terra e o usufruto das riquezas da floresta, sem a ela causar danos ambientais. O seringueiro era Chico Mendes.

Desde então, em memória e respeito ao legado de Chico Mendes, o CNS, que em 2009 passou a se chamar Conselho Nacional das Populações Extrativistas, para abrigar o vasto mosaico de entidades extrativistas que se espalharam por todo

o território brasileiro, representa as posições mais avançadas do movimento social das populações extrativistas do Brasil.

Ao realizar seu VI Congresso Nacional, entre os dias 13 e 17 de novembro, outra vez em Brasília, o CNS reafirma a resiliência da caminhada de um movimento que começou no chão da floresta, bem antes de 1985, em meados da década de 1970, nos empates de derrubada do Vale do Acre.

Em depoimento gravado por Lucélia Santos na primeira semana do mês de maio de 1988, Chico Men-



des registra em detalhes a trágica destruição a mando dos "paulistas" (fazendeiros vindos do sul do País) de grandes áreas de floresta para, sobre a terra arrasada, implantar grandes fazendas de pecuária:

ATAQUE À FLORESTA

Essa luta da gente é uma história meio assim, meio comprida. Começou a partir de todo o movimento dos empates pela defesa da floresta, principalmente em 76. Em 76, a gente [es]tava no auge, no momento mais acirrado, no momento mais difícil, no momento mais de desespero que já ocorreu nesse Acre.

Na época [em] que os fazendeiros começaram a chegar, a partir de [19]70, começa então a expulsão em massa dos seringueiros. Os seringueiros foram expulsos, [viram] seus barracos queimados, suas casas... de repente, os jagunços cercavam, tocavam fogo nos barracos.

No Seringal Albrácia, em 72, tinha nove pistoleiros.

O seringal foi comprado por um paulista por nome Vilela, ele trouxe nove pistoleiros, expulsaram todos os seringueiros dessa região. (E o que é que eles queriam, eles queriam expulsar vocês da região, dos seringais, botar o que no local, eles queriam...)

(Botar o boi [eles queriam destruir a floresta, desmatar pra botar o boi, é isso?] Eles conseguiram destruir a floresta, tirar o seringueiro, tirar a seringueira, a castanheira, as riquezas que existe[m] lá dentro em troca do boi, [de] colocar o boi lá dentro. Ou seja, a substituição do homem na floresta pelo boi. A Bordon nesse momento compra uma grande área no rio Xapuri.

A Bordon expulsou em massa e tocou fogo em barraco de seringueiro, matou mulher de seringueiro, queimada. Os outros fazendeiros também

reagiram [da mesma forma] e toda a região de Xapuri foi bombardeada. Mais de 70%, naquele momento, dos seringueiros, em desespero, são expulsos dessa região aqui e se mandam pra Bolívia, e outros pra Rio Branco, pra periferia da cidade, lá.

[É] um momento de grande desespero. [Em] 76, eu assumo a diretoria do Sindicato em Brasília, no Acre. Começa a primeira implantação do Sindicato lá. Em 76, nós sentamos e pensamos: como, como vamos barrar esse processo de desmatamento?

Apelamos pra justiça, pro advogado, porque o Estatuto da Terra dá o direito ao posseiro, lá na sua colocação não poderia ser expul-

so. Mas isso, naquele momento, prevalecia a força e o dinheiro. A força policial já vinha em cima do dinheiro do latifúndio.

Naquele período de 70 a 76, eles compraram, aqui nessa região, seis milhões de hectares de terras, não tiraram um tostão [do bolso], não venderam um boi no Sul pra comprar essas terras... (A Bordon?) A Bordon e outros fazendeiros que vieram do sul do País.

Essas terras foram compradas todas com o apoio dos incentivos fiscais da SUDAM. O governo abriu as pernas pra esses latifundiários e, nesses seis anos, nessa nossa região foram destruídas 180 mil árvores de seringueira,

ENCONTRO NACIONAL DE SERINGUEIROS DA AMAZÔNIA



11 a 17 de outubro de 1985
Auditório da Faculdade de Tecnologia - UnB
Brasília - DF

Divisão de Serviços de Trabalho em Rios de Negro-Acre - Promoção Federal dos Trabalhadores em Agricultura
Fundo do Acre - Seringueiros do Acre - Associação de Seringueiros e Trabalhadores da Bacia do Rio Acre
Agência Instituto de Pesquisas Sociais (IPSO) - Ministério de Cultura - Fundação Nacional pro Monum.
Universidade de Brasília



80 mil castanheiras e, entre madeira de lei e cedro, o abio, o cumaru-de-cheiro, o cumaru-ferro, o amarelão, foram destruídas mais de 1 milhão e duzentas mil árvores, fora as árvores médias que [es]tavam crescendo.

COMO NASCE O CNS

Nas gravações que fez com Lucélia Santos, em 1988, Chico Mendes explica o surgimento do CNS como uma entidade de articulação e reivindicação de políticas públicas que possam garantir a sustentabilidade econômica, social, ambiental e cultural dos povos da floresta:

Xapuri, que [es]tava caminhando, engatinhando naquele tempo, retoma com força o movimento com uma experiência diferente: a liderança, nós não devemos ter uma liderança

única, mas todos os trabalhadores devem ser líderes.

Agora, como sempre acontece no movimento dos trabalhadores no Brasil, o pessoal começa a centrar força mais num nome, e esse nome ou por sorte ou azar caiu em cima de mim. É o Chico Mendes que começa a liderar o movimento.

Então, nós começamos a pensar o seguinte, começamos a montar as escolas, começamos a construir novas lideranças, com as escolas, em cada escola começam a surgir lideranças porque o seringueiro começa a ter uma visão e começa a participar mais ativamente do movimento. Isso começou a chegar lá fora, a imprensa começa a dar um maior destaque nessa luta de Xapuri.

E aí nós pensamos numa ideia, ora, o seringueiro não é reconhe-

cido como classe, poxa, então nós vamos ter que encontrar uma forma de pressionar as autoridades federais, lá em Brasília, que tá o foro das decisões, o seringueiro nunca foi a Brasília e nós vamos ter que defender agora uma forma do seringueiro ir a Brasília e contar a sua história lá.

A Mary [Allegretti] começa a articular com algumas entidades, me chama, eu vou a Brasília em maio de 85, e se começa a articular então o Encontro Nacional dos Seringueiros em Brasília.

E aí em [17 de] outubro de 85 a gente marca na história da luta do seringueiro da Amazônia o I Encontro Nacional dos Seringueiros da Amazônia. E isso foi um encontro que ficou histórico na luta dos seringueiros, em toda a história desde 1870 pra cá, aí começa



a aparecer os aliados, começa a engrossar a luta nos empates, começamos a ter vitórias.

BASTIDORES DO ENCONTRO

Em entrevista concedida durante a VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia (ReACT), realizada no Instituto de Estudos Brasileiros, em São Paulo, em maio de 2017, o antropólogo Mauro William Barbosa de Almeida explicou como aconteceu o encontro de Brasília:

Foi a Mary Allegretti quem, em 1985, durante o governo Sarney, organizou uma reunião de seringueiros em Brasília. Havia uns 120 participantes nessa reunião.

Do ponto de vista de um movimento rural, a proposta dos

seringueiros que apareceu nesse encontro de 1985, em Brasília, era parte de um programa de reivindicações deles de políticas públicas para uma população que era completamente invisível, ninguém sabia que existia.

Em Brasília, nem sabiam o que era seringueiro, eles pensavam que eram seringalistas. Era uma invisibilidade completa. E o Paulo Nogueira Neto (um dos grandes biólogos conservacionistas, um dos responsáveis pela indicação e seleção de áreas de conservação em sentido estrito na época do governo militar) ouviu falar de um seringueiro de Novo Aripuanã, o Jaime da Silva Araújo, que foi escolhido pelo grupo como o presidente do Conselho Nacional de Seringueiros.

[O CNS foi] uma entidade criada lá em Brasília, quando esse mesmo grupo teve a entrada vetada, no prédio da Superintendência da Borracha (Sudeb), que recebia enormes recursos do governo.

Os seringueiros, expulsos daquele ambiente, criaram ali na frente, no gramado, uma alternativa para o Conselho Nacional da Borracha, que estava se reunindo e do qual eles queriam participar. "Então, vamos criar o Conselho Nacional dos Seringueiros", e surgiu esse nome.

Praticamente uma década depois de uma luta cruel, incessante e violenta contra o desmatamento na Amazônia, surgia o CNS, com a missão de representar e organizar não somente os seringueiros e seringueiras do Acre, mas todas as populações extrativistas da Amazônia.



Foto: Divulgação/ Carlos Carvalho

UM EVENTO HISTÓRICO

O Instituto de Estudos Amazônicos (IEA), criado em 1986 pela antropóloga Mary Allegretti para apoiar o CNS no desenvolvimento, criação e implementação de Reservas Extrativistas, registra em sua página na Internet, (<https://institutoestudosamazonicos.org.br/cns/>), o momento histórico da fundação do CNS:

Foi um evento histórico realizado na Universidade de Brasília, com a presença de mais de 100 representantes de seringueiros, castanheiros, pescadores dos estados do Acre, Rondônia, Amazonas, Pará e Amapá. Muitos deles saíram da floresta pela primeira vez e levaram vários dias para chegar em Brasília vindo dos lugares mais distantes da Amazônia.

O evento foi uma iniciativa do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri, Acre, uma promoção da Federação dos Trabalhadores da Agricultura do Estado do Acre, dos seringueiros do Amazonas, da Associação dos Seringueiros e Soldados da Borracha de Rondônia, com apoio do Instituto de Estudos Socioeconômicos (INESC), do Ministério da Cultura/Fundação Pró-Memória e da Universidade de Brasília.

A convocação do líder sindical Chico Mendes foi baseada em uma pauta de grande relevância para o momento em que se iniciava o processo de redemocratização no país: reforma agrária apropriada aos seringueiros, educação, saúde e política de valorização da borracha nativa.

Foi durante esse evento que o CNS formulou o conceito de Reserva Extrativista como a reforma agrária dos seringueiros tomando como inspiração as



Fátima Cristina da Silva - Educadora, com especialização em Metodologia de Ensino e Gestão Descentralizada. Sócia-Educadora da Rede Mulher de Educação. Integrante do grupo da Terra. Assessora Técnica do CNS e Coordenadora dos Projetos nas Áreas de Comunicação, Educação em Saúde e Gênero.



Marcos Jorge Dias - Escritor. Estudante de Jornalismo. Membro do Conselho Editorial da Revista Xapuri.



Zezé Weiss - Jornalista. Editora da Revista Xapuri. Com as contribuições imprescindíveis de Fátima Cristina da Silva e Marcos Jorge Dias.

Foto: Divulgação



JÚLIO BARBOSA DE AQUINO: PRESIDENTE DO CNS (1989-1992/2019-2023)

Marcos Jorge Dias

Nascido e criado no Seringal Dois Irmãos, morador da Colocação República, no coração da Reserva Extrativista Chico Mendes, o seringueiro Júlio Barbosa vem de uma família grande, de doze irmãos (quatro mulheres e oito homens). Casado com Leide Aquino, Júlio é pai da Yara e avô da Mariah, do Diogo, do Júlio e do Mateo.

Ao acompanhar o pai na extração do látex das seringueiras nas matas de Xapuri desde os 10 anos de idade, aos 14 começou, ele mesmo, a cortar seringa, e assim o menino Júlio foi aprendendo, junto com os segredos da floresta, o significado de ser seringueiro: levar uma vida de muito trabalho e grandes privações dos bens de consumo urbano.

Porém, se muitas das vezes não havia um sapato para calçar, a mãe-floresta nunca deixou que lhe faltasse o leite da castanha, o açaí com farinha, a carne da caça, o ingá e toda a abundância que fez do menino-seringueiro sobrevivente de cinco malárias um homem forte e resistente, capaz de enfrentar as muitas adversidades surgidas ao longo de sua caminhada nos varadouros da vida.

Fruto, segundo ele mesmo, de uma longa jornada de resistência contra a opressão de seu povo, Júlio iniciou sua militância social por

meio das comunidades eclesiais de base da igreja católica, em plena ditadura militar, aos 22 anos de idade. Desde então, nunca mais parou.

Atendendo ao chamado de seu amigo Chico Mendes (seu padrinho de casamento com Leide), na década de 1970 Júlio foi para a linha de frente dos empates, em um esforço coletivo de resistência ao desmatamento das florestas por fazendeiros vindos do sul do país para, em seu lugar, instalar nas terras do Acre grandes fazendas de pecuária.

Em 1977 participou da fundação, junto com Chico Mendes e seus companheiros, do Sindicato dos Trabalhadores (e das Trabalhadoras) Rurais de Xapuri, espaço de luta que serviu e ainda serve de esteio para a luta em defesa da Amazônia e base para a sonhada igualdade social.

Em 1985, participou, em Brasília, do I Encontro Nacional dos Seringueiros e do lançamento, pela voz de Chico Mendes, da proposta de Reserva Extrativistas e da criação do Conselho Nacional dos Seringueiros (CNS).

Em dezembro de 1988, quando Chico Mendes foi assassinado com um tiro de escopeta, disparado por um pistoleiro a mando do latifúndio, mesmo sentindo que foi colocado sobre seus ombros o peso de muitas "pelas de borracha" (cada uma pe-

sava entre 50 e 60 quilos, segundo o agrônomo e advogado Gomercindo Rodrigues), Júlio assumiu, sem titubear, a presidência do Sindicato.

Em 1989, o líder acreano assumiu, pela primeira vez, a presidência do CNS para um mandato de quatro anos (1989-1992). Havia chegado a hora de deixar os varadouros sombreados da floresta para explorar o campo minado da política nacional. Tempo de sair da luta local para a luta nacional por seu povo e por todas as populações extrativistas da Amazônia.

As andanças de Júlio alargaram também os seus passos na política partidária. Eleito pelo Partido dos Trabalhadores (PT) em 1996, o seringueiro Júlio, forjado na luta pela sobrevivência e na defesa da floresta, exerceu dois mandatos seguidos como prefeito de Xapuri, a "Princesinha do Acre", terra dos arrogantes barões da borracha, entre os anos de 1997 e 2004.

Reeleito em 2019 para um segundo mandato (2019-2023) como presidente do CNS, em 2023 Júlio voltou a fazer parte do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social (CDESS), o Conselho, interrompido durante o mandato do inominável e recriado pelo presidente Lula para, como nos mandatos do governos do PT desde 2003, "debater agendas e temas de interesse dos mais diversos segmentos da sociedade brasileira".

A exemplo de Chico Mendes, cuja luta em defesa da Amazônia tornou-se uma luta para salvar a humanidade, o seringueiro Júlio Barbosa, 69 anos completados em julho, mais da metade deles dedicados à defesa da floresta, segue firme, "lutando pela floresta em pé, pelo bem-viver dos povos que nela vivem e pelo futuro da própria humanidade".



Marcos Jorge Dias - Escritor. Estudante de Jornalismo. Membro do Conselho Editorial da Revista Xapuri.





CHICO MENDES: UM SER HUMANO DE EXTREMA LEVEZA

Marina Silva



Foto: Divulgação

Geralmente se tem uma escuta muito intolerante e um olhar muito passageiro sobre a ansiedade e a inquietude das pessoas jovens. Minha experiência com o Chico Mendes foi uma lição nesse sentido.

O olhar dele era genuinamente interessado, paciente, cuidadoso, estimulante. A minha história e a história de tantas pessoas que conviveram com ele mostram como respeitava os mais jovens e se preocupava o tempo todo em puxar a juventude para junto dele. Pra mim, isso demonstrava a sensibilidade de uma pessoa que vivia numa situação social e econômica muito difícil, estava o tempo todo numa corda bamba de pressão e de ameaças, mas era de uma extrema leveza.

Acho que a forma dele se manter jovem era se relacionando com

jovens. Eu sentia nele uma mistura de pai e irmão. Era paterno quando transmitia a firmeza da maturidade, dos compromissos, das responsabilidades. Era irmão porque colocava as coisas de igual para igual. Não impunha um pensamento, dialogava com as nossas ideias.

Tínhamos a afinidade de ser gente da floresta. Uma afinidade que nem precisava ser dita. A conversa fluía porque era o mesmo universo, a gente sabia quem a gente era, qual era a nossa raiz, o nosso lugar. Isso me ajudou a não desconstruir minhas raízes.

Lembro-me quando fui fazer minha certidão de nascimento no cartório. A moça perguntou o local de nascimento, eu respondi: Seringal Bagaço. Ela insistiu para colocar Rio Branco: "Não diga que

nasceu no seringal, minha filha, isso é muito feio, as pessoas vão mangar de você". Como eu resisti, ela acabou aceitando, contrariada.

Em parte, devo isso ao Chico, que criticava os que vinham para a cidade e ficavam escondendo sua origem, com vergonha de ser considerado feio, analfabeto, ignorante, mocorongo.

Para ele, ser seringueiro tinha uma grande dignidade e isso devia ser exibido com orgulho. Para mim, o fato de uma pessoa como ele pensar assim só reforçou o sentimento que sempre tive, de nunca esconder minhas origens.

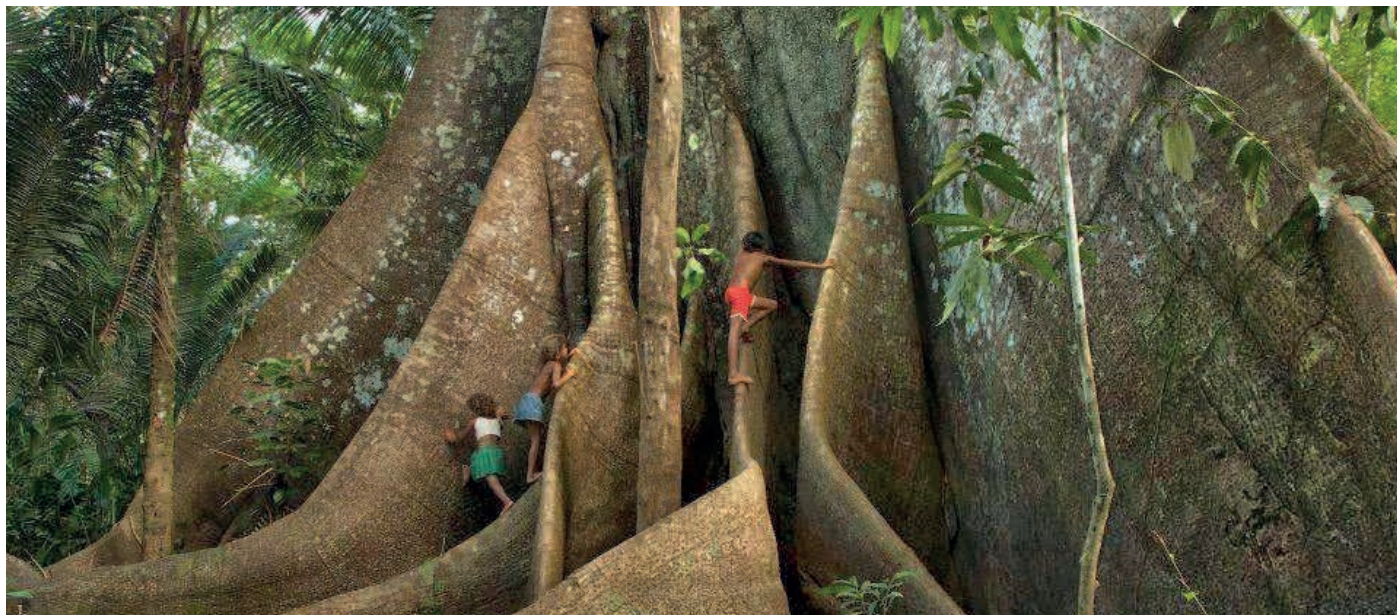


Marina Silva - Ministra de Estado do Meio Ambiente e Mudança do Clima. Filha de seringueiros. Amiga de Chico Mendes. Excerto de depoimento enviado a Zezé Weiss para o livro *Vozes da Floresta*, em 2008.

SAMAÚMA

Elson Martins

Foto: Divulgação



Enorme, ela caiu do céu numa tarde quente de verão amazônico imersa numa nuvem de algodão. Eu a vi pousar no meio de um lago cercado de floresta densa. Deslumbrado, acompanhei sua suave descida e então a coloquei na palma da mão, plantando-a, cuidadosamente, num vaso com estrume.

Eu morava na Chácara do Ipê, condomínio afastado do centro de Rio Branco, numa casa com quintal amplo e piscina, que vendi (1991) a um amigo. Da piscina, observei o floco branco caindo do céu azul.

A cena era comum nos seringueiros: identifiquei a sementinha no meio do floco e a retirei para plantar. Depois, voltei ao banho e ao trabalho. Três meses depois, minha mulher me chamou atenção: "A semente nasceu!".

A pequena samaúma estava com 30 centímetros de altura, mas já com ares de rainha. Escolhi um lugar no quintal, longe da casa, transplantando a muda para a terra. E a pequena árvore cresceu.

Ao vender a casa fiz exigência: "Vamos colocar no contrato que é proibido derrubar a samaúma". A tal cláusula nunca existiu de verdade, mas o novo proprietário

passou a cuidar da *ceiba pentandra* (como os cientistas denominam a espécie) com zelo e carinho.

A árvore cresceu imponente e bela, destacando-se dos velhos ipês que cercam a residência. Tanto que algumas mentes temerosas começaram a assustar o novo proprietário: "Derruba, ela vai acabar com o teu muro... A raiz não resiste a uma tempestade!"

Pode ser, e não vou desejar um mal desse ao amigo. Mas acho que ele pode deixá-la chegar à fase adulta, como um monumento que mostrará, orgulhoso, aos convidados e às crianças. Tem tempo para isso, o que um bom técnico poderá atestar instruindo sobre como preservá-la sem riscos.

Sei que a samaúma atinge 60 metros de altura, possui um tronco com diâmetro de três metros e meio e uma copa de 22 metros. Suas raízes não penetram o solo a fundo, mas tecem uma malha à cata de húmus com alguns tentáculos de mais de 500 metros, que servem também de alicerce.

Possuindo fibras delicadas, dos galhos às raízes, chamadas sapupemas, de onde se extrai uma água cristalina boa para beber,

a samaúma poderia ser uma árvore sagrada da Amazônia. Ela cresce nas margens dos rios, junto aos lagos ou no coração da mata densa, servindo de bússola para os povos da floresta.

Na minha infância, sempre tive olhos para essa árvore que voa. Ficava abismado com a semente preta e minúscula (também comestível) à semelhança de um amendoim torrãozinho. A semente paira sobre a floresta e os rios na sua nave tenra, sabe-se lá quanto tempo. Como se a mãe natureza mandasse espalhar suas rainhas pelas florestas do mundo, plantando-as nos locais mais inacessíveis ao homem.

Os índios Kaxinawá (Huni Kui) afirmam que a samaúma tem espírito, ou que o espírito vive dentro dela. Apenas os pajés têm o direito de apreciá-la de perto. Os não índios costumam descansar no seu dorso e imaginar seu voo, certamente à procura de um lugar fértil na terra e na consciência das pessoas!



Elson Martins - Jornalista. Escritor. Acompanhou e documentou o movimento dos seringueiros nos tempos de Chico Mendes. Membro do Conselho Editorial da *Revista Xapuri*.

EMPATES DE DERRUBADA

Júlio Barbosa de Aquino



Foto: Divulgação

Com a chegada dos pecuaristas, vindos do sul do país em meados dos anos 1970, pra botar por terra nossas áreas de floresta, a situação ficava cada vez mais difícil pro nosso lado. Foi aí que nós começamos a usar um instrumento muito importante aqui na nossa região, que batizamos de empate.

Assim como nos jogos de futebol, a gente sempre queria pelo menos empatar, então, no nosso caso, o empate era para resistir, para que, ao menos, o fazendeiro não derrubasse nossas árvores e não destruísse nossas colocações, que é o lugar onde moramos com nossas famílias.

No começo, as famílias tentavam resistir por elas mesmas. Depois, a comunidade passou a ser mobilizada pelo Sindicato, que organizava a ida para a área que estava pra ser desmatada. Era uma forma simples e pacífica, mas muito organizada, de resistência.

A gente montava uma barreira humana, formada pelas pessoas que viviam no seringal, as mulheres e as crianças iam junto, os velhos também, e todo mundo se colocava em frente às foices dos peões e jagunços onde havia tentativa de desmatamento.

Como os peões e jagunços eram pessoas simples, muitos deles eram até parentes nossos que estavam ali só cumprindo ordens dos patrões, a gente tentava explicar pra eles que, se fizessem o desmatamento, a vida deles e das famílias deles também estavam sendo ameaçadas.

Às vezes funcionava, ou pelo menos a turma ganhava tempo pra alguém de nós tentar algum recurso na cidade, outras vezes não funcionava. Dos cerca de 45 empates que fizemos entre 1976 e 1988, o último com a participação de Chico Mendes foi o empate do Cachoeira, em maio de 1988.

Em uns 15 conseguimos, de fato, empatar a derrubada.

Os empates foram muito importantes em nossa luta, porque fortaleceram nossa união, serviram de base para a formação do CNS e também para a construção do nosso modelo de reforma agrária para a Amazônia, as Reservas Extrativistas.



Júlio Barbosa de Aquino

– Líder Extrativista. Parceiro de Chico Mendes nos Empates. Presidente do CNS. Depoimento gravado por Zezé Weiss no Núcleo de Estudos Amazônicos (NEAZ), na UnB, em outubro de 2023.





MUTIRÃO CONTRA A JAGUNÇADA

Chico Mendes



Foto: Elson Martins

Em [1º de setembro de 1979], o maior movimento rompeu-se no Acre, no município vizinho do Acre, fronteira com o Acre, [no Seringal Paraisópolis, na BR-317], no município de Boca do Acre, do estado do Amazonas, um grupo de seringueiros são ameaçados por jagunços, por pistoleiros, e o Acre, aqui, nós mandamos 300 homens pra cercar o acampamento dos pistoleiros, tomamos todas as armas, eu não fui, mas o companheiro Raimundo, meu primo, foi, e foi o primeiro movimento mais forte que se rompe, que cresce no Acre, liderado pelo companheiro Wilson de Souza Pinheiro, presidente do Sindicato de Brasiléia.

Isso deu uma repercussão muito forte, e como naquele momento Wilson Pinheiro era a figura principal, nos empates de derrubada, em todo o Acre, os fazendeiros, no mês de junho, todos os fazendeiros da região fazem uma reunião e decidem pela morte de Wilson Pinheiro e de Chico Mendes, que também estava começando a crescer naquele momento. No

dia 21 de julho de 1980, eu estava numa Assembleia Sindical no Vale do Juruá, no outro lado do Acre, e Wilson Pinheiro estava na sede do Sindicato, assistindo uma televisão com seus companheiros. E nessa noite, um pistoleiro se deslocou pra Brasileia e outro aqui pra Xapuri.

O que chegou aqui em Xapuri perdeu a viagem, porque aqui eu não estava. O de Brasiléia acertou em cheio no Wilson Pinheiro. Por ali, no canto da casa, deu três tiros e matou o Wilson Pinheiro [em]1980.

Aquele momento, taticamente, os fazendeiros avaliaram que o Sindicato de Brasiléia apesar de ser forte tava centralizado numa liderança que era o Wilson Pinheiro e que ele deveria morrer, porque matando o Wilson Pinheiro o Sindicato recuaria e eles conseguiriam com isso seu trunfo principal, que era o domínio sobre a terra.



Chico Mendes - Depoimento para Lucélia Santos, em maio de 1988.

O Sindicato dos Bancários e das Bancárias de Brasília se sente honrado em publicar este texto histórico de Chico Mendes sobre a luta dos seringueiros do Acre, gravado por Lucélia Santos, em maio de 1988, ao mesmo tempo em que parabeniza o Conselho Nacional das Populações Extrativistas, o CNS, por seus 38 anos de luta e resistência em defesa dos povos da floresta.



JAIME DA SILVA ARAÚJO: PRIMEIRO PRESIDENTE DO CNS (1985–1988)

Marcos Jorge Dias

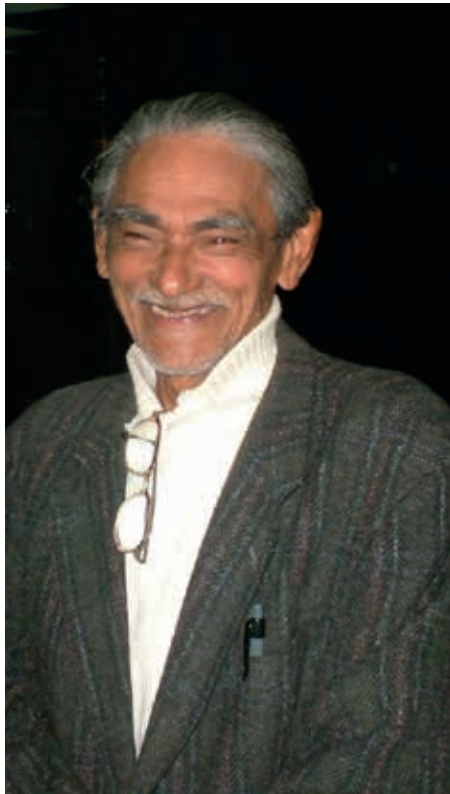


Foto: Divulgação/ Fundação Tyryeté Kaxinawá

Jaime da Silva Araújo era, segundo o jornalista Elson Martins, um duende das matas, um ser que, lendo poemas e rezando sua própria oração de seringueiro, encantava “estudantes, intelectuais e políticos de Brasília com a desenvoltura com que anunciou a existência dos povos da floresta”, ao ser aclamado o primeiro presidente do CNS, em 17 de outubro de 1985.

De uma entrevista concedida a Vássia da Silveira e publicada por Elson Martins, em sua coluna Almanacre (27/05/2007), extraímos alguns fragmentos sobre a trajetória de vida de Jaime e sobre como ele chegou à presidência do CNS.

Índio potiguar de origem, Jaime tinha apenas dois meses de

nascido quando seu povo foi dizimado. Criado por pais adotivos no Ceará, aos 19 anos veio para a Amazônia, onde se tornou pescador, castanheiro, embarcadiço, caçador e seringueiro, onde seguiu aprendendo tudo na prática.

“Tudo eu aprendi na prática. Devia ter uns oito anos e morava em um local onde tinha muita areia e escrevia nela com um pedaço de pau. Depois ficava de pé, do lado, e ia discursar o que tinha escrito”. Considerava-se autodidata e um líder nato, porque não passou por nenhuma escola.

Pra mim, a escola é o amanhã. Eu aprendi hoje, e amanhã falo de hoje: isso é uma grande escola pra mim, o dia a dia. Quando falo sobre a defesa, qualidade e comercialização da piaçaba, é porque eu cortei piaçaba.

Quando lhe falo sobre a castanha, é porque trabalhei com castanha. Quando lhe falo da copaíba, é porque coletei copaíba. Quando lhe falo da malva e da juta, é porque trabalhei com malva e juta. Quando lhe falo sobre a borracha, é porque fui seringueiro.

Em 1985, Jaime perambulava pelos seringais do rio Madeira, no Amazonas, onde era membro de uma Comunidade Eclesial de Base e organizava os seringueiros na luta contra os agressores (em geral pecuaristas), que estavam chegando à região.

Sem que tivessem combinado ou conversado antes, Chico Mendes fazia o mesmo no Acre e, quando se encontraram, ele foi convidado para participar do

Primeiro Encontro Nacional dos Seringueiros, em Brasília.

Pela performance que exibiu no Encontro, Jaime foi convidado para dar aulas de História da Amazônia na Universidade de Brasília. Mesmo sem formação universitária, lecionou durante um ano e meio na UnB.

Como presidente do CNS, Jaime Araújo fez palestras no Brasil e no exterior, reproduzidas em vários idiomas. Em 1989, lançou seu primeiro livro: *A Amazônia, o Seringueiro e a Reserva Extrativista*, traduzido para o inglês, que revelou nele um artista plástico inspirado. Após deixar a UNB, foi levado pela antropóloga Mary Allegretti para lecionar e pintar na Universidade Aberta, inaugurada no Parque Chico Mendes, na cidade de Curitiba.

Diz a lenda que, quando Jaime partiu deste mundo, virou duende das matas, onde segue eterno no coração das populações da floresta, assobiando o seu Pai Nosso do Seringueiro:

*Seringueira que estais na selva
Multiplicados sejam os vossos dias
Venha a nós o vosso leite
Seja feita a nossa borracha
Assim na prensa como na caixa
Para o sustento de nossas famílias
Nos dai hoje e todos os dias
Perdoai nossa ingratidão
Assim como nós perdoamos
As maldades do patrão
E ajudai a nos libertar
Das garras do regatão
Amém!*



Marcos Jorge Dias – Escritor. Estudante de Jornalismo. Membro do Conselho Editorial da Revista Xapuri.



HINO DO SERINGUEIRO

— Cancioneiro Popular

*Vamos dar valor ao seringueiro
Vamos dar valor a esta nação
Pois é com o trabalho desse povo
Que se faz pneu de carro e pneu de avião.
Fizeram a chinelinha, fizeram o chinelão
Inventaram a botina, pra cobra não morder
Tantas coisas da borracha que não tem explicação
Encontrei pedaço dela na panela de pressão.
Pneu de bicicleta não é requeijão
Não é carne de gado, pneu de caminhão
Não é chifre de vaca que se apaga letra, não!
São produtos da borracha, feitos pela nossa mão.*

NICE MACHADO:

SECRETÁRIA DE MULHERES DO CNS

Iêda Leal

Foto: Divulgação/ José Cruz/ Agência Brasil



reunindo lideranças de 180 comunidades quilombolas do campo, da floresta e das águas, hoje divididas em quatro territórios: Enseada da Mata, Formoso, Monte Cristo e Sansasapé, e, desde 2019, responde como Secretária Nacional da Mulher Extrativista no Conselho Nacional das Populações Extrativistas.

Com seu povo mobilizado, Nice começa a organizar as primeiras associações da região, sediadas em casas feitas de taipa e cobertas de palha. É por meio dessas associações que o povo de Nice resiste contra a violência agrária, que tenta expulsar as famílias quilombolas de seus territórios.

Nice, eu ainda não conheço você. Sua história me chegou pelas mãos generosas da companheira Edel Moraes, do MMA. Mas eu sei que somos companheiras. Seus mais de 40 anos de luta merecem respeito e reverência, sobretudo por seu exemplo de mulher negra que, quebrando cocos e cantando loas à vida, vai forjando esse Brasil inclusivo e forte que buscamos construir.



Iêda Leal - Secretária de Combate ao Racismo da CNTE; Secretária de Comunicação da CUT-GO; Tesoureira do SINTEGO; Coordenadora Nacional do Movimento Negro Brasileiro.

Ao celebrar os 38 anos do CNS, em nome de Nice rendo minhas homenagens a todas as mulheres extrativistas do Brasil. Saúdo esta mulher de luta que, para sobreviver, quebra cocos nos babaçuais do município de Penalva, no Maranhão.

É quebrando cocos que Nice vai traçando sua trajetória de resistência, a partir dos saberes da territorialidade ouvida de seu pai, Apolônio, de Joana Birgona, sua avó, de Pedro Celestino, seu bisavô, de Sebastiana Ferreira, sua tia, e de Sátiro Costa, seu tio lutador.

São as referências de luta dessa sua ancestralidade negra que fizeram de Nice liderança respeitada na luta pelos direitos territoriais, sociais e ambientais de sua comunidade penalvense

do Quilombo Saubeiro, onde ela viveu até os 14 anos de idade.

Do Saubeiro, pelas mãos da Comissão Pastoral da Terra (CPT), Nice alçou voo para atuar, em defesa do povo quilombola, em vasta região da Baixada Maranhense, que inclui os campos de babaçu nativo de Viana, Penalva, Monção, Pedro do Rosário, Santa Helena e Cajari.

Assim, Nice, que se autodefine como quilombola, quebradeira de coco de babaçu e, quando a luta permite, cantora do grupo Encantadeiras, formado por quebradeiras de coco de babaçu do Maranhão, Piauí, Tocantins e Pará, segue ancorada no norтеamento histórico de seu pertencimento.

Sim, quando a luta permite, porque, desde os anos 1970, Nice vem



LETÍCIA SANTIAGO DE MORAES: SECRETÁRIA DE JUVENTUDE DO CNS

Leticia Santiago de Moraes



Foto: Divulgação

Meu nome é Leticia Santiago de Moraes, sou extrativista, moradora do Projeto de Assentamento Agroextrativista (PAE) Ilha São João I, comunidade Nossa Senhora da Boa Esperança, rio Pagão, no município de Curralinho, Marajó-PA. Sou uma jovem mulher, filha de Dulcimar Baratinha de Moraes e Miracelia Santiago de Moraes, duas importantes lideranças das populações extrativistas da comunidade Nossa Senhora da Boa Esperança.

Eu nasci e me criei nesta comunidade que chamo carinhosamente de minha comunidade de pertencimento, pelo sentimento de ser e pertencer ao território, aos rios, às florestas e à diversidade. Sou neste processo uma sementinha que, junto com muitas outras sementinhas, luta pelo coletivo, por justiça social, ambiental e climática.

O território onde moro representa para mim a esperança de viver, e a floresta é uma herança guardada

pelos meus ancestrais que levo como base da minha (RE) existência, pois a minha trajetória de jovem mulher extrativista se conecta às histórias de grandes líderes e mártires da Amazônia, como Chico Mendes, líder seringueiro, herói do Brasil, um revolucionário cujo ideal vive às gerações e contam histórias como a minha. Em razão disso, a juventude da floresta possui uma identidade e ela é também extrativista!

Nós, as juventudes extrativistas, nascemos com a responsabilidade de guardar um legado de luta, luto, resistência, conquista e esperanças, o território é a raiz deste legado. Mas não podemos nos esquecer dos nossos desafios diários, já que nascemos em um ambiente em que permanecer nas nossas casas com os nossos modos de vida é desafiador pela ausência de garantia de direitos aglutinadores à garantia do território como educação, saúde, produção, saneamento,

comunicação, esporte e lazer, e que tais políticas sejam construídas para nós e conosco, de acordo com as nossas necessidades. Por isso, lutamos e reafirmamos a continuidade dessa luta.

É das histórias contadas e lidas que carrego o legado de Chico Mendes e continuo a perpetuar o dizer que “a defesa da floresta é pela humanidade”, e aqui reforço que a carta ao jovem do futuro deixada por Chico Mendes me motiva a continuar em defesa da construção de um mundo mais justo, para que um dia o legado de dor, sofrimento e morte seja apenas uma lembrança, como sonhou o grande líder seringueiro Chico Mendes.



Leticia Santiago de Moraes
– Líder Extrativista. Secretária de Juventude do CNS.



AMAZÔNIA E CERRADO

Altair Sales Barbosa

A interpretação de alguns climatologistas de que a Terra terá um aumento significativo na temperatura nos próximos anos traz para a humanidade atual algumas possíveis consequências e indagações. De acordo com os estudos desses climatologistas, isso acontecerá em decorrência do aumento global da temperatura provocado pelo efeito estufa.

Além do aumento da temperatura, num primeiro momento, em alguns locais do Planeta, várias outras modificações climáticas, caracterizadas por diversos outros fatores, deverão acontecer nos próximos anos.

Entretanto, torna-se necessário colocar ordem em muitas outras interpretações, principalmente naquelas que se referem à sucessão das paisagens. Isso

porque muitas informações são confusas e contraditórias, justamente porque não levam em consideração a história evolutiva das paisagens mencionadas.

Recentemente, têm sido divulgadas informações de que o aumento gradual da temperatura na faixa tropical da Terra provocará secas na região Amazônica, e essa região se transformará em um ambiente de Cerrado. A informação quanto ao clima pode até vir a ser verdadeira, porém a informação referente à transformação da floresta úmida equatorial amazônica em Cerrado é falsa.

O aumento da temperatura na região Amazônica e a diminuição da umidade provocarão lentamente a morte da floresta úmida e farão com que a Amazônia volte a ser um grande deserto arenoso,

como já aconteceu em sua história evolutiva recente, durante o Pleistoceno até início do Holoceno, ou seja, de 2 milhões de anos até 11 mil anos Antes do Presente.

Na realidade, variados estudos em diversos campos da ciência, desde geologia, geomorfologia, climatologia, paleontologia, palinologia, botânica, zoologia, biogeografia etc. atestam que durante o último período glacial, denominado Wisconsin na América e Wurm no Velho Mundo, notadamente a partir de 20 mil anos Antes do Presente, existia na Amazônia, principalmente nas chamadas terras baixas, um grande deserto arenoso denominado Deserto de Óbidos, que se unia a outro grande deserto situado mais para oeste e que abrangia todo o vale que hoje corresponde ao rio Orinoco.

Esse fenômeno aconteceu em virtude da diminuição da umidade na Amazônia, provocada pelas modificações das correntes aéreas, que dependiam das movimentações das correntes marinhas, alteradas pela ação do último estágio da glaciação Pleistocênica.

Durante aquela época, em ilhas específicas, situadas nos baixos chapadões da Amazônia, existiam manchas significativas de Cerrado, conforme atestam os estudos de palinologia (ciência que estuda os pólenes fósseis). Essas manchas eram prolongamento da grande área de Cerrado que existia no centro da América do Sul e que desapareceram desses baixos chapadões amazônicos, em uma época muito recente, em função do fenômeno da coalescência da floresta equatorial, provocada pela expansão das áreas florestadas, em consequência de mudanças climáticas e de solo decorrentes do final do período glacial.

A Floresta Amazônica, tal qual como a conhecemos atualmente, é um fenômeno recentíssimo dentro da história evolutiva do planeta Terra e só foi viável em função principalmente das condições edáficas.

Nesse sentido, os pesquisadores da pedologia (ciência que estuda os solos) relatam que a maior

parte dos solos hoje existentes na área correspondente à Amazônia é incompatível com uma longa estabilidade da floresta, por serem solos muito jovens, com alta taxa de reposição, dotados de características especiais, indicando ausência de vegetação, ou vegetação muito rala, num passado não tão distante.

Por outro lado, o Cerrado é um tipo de ambiente muito antigo, que já atingiu seu apogeu evolutivo, composto por formas de vegetações associadas a modelos específicos de solo, umidade, fogo, fauna especializada, cuja adaptação exigiu um longo período de tempo, calculado em milhões de anos.

É um ambiente em que qualquer tipo de alteração provocada na sua estrutura poderá promover sua extinção. Por isso é que se diz que o Cerrado, uma vez degradado, jamais voltará a ser Cerrado.

A vegetação do Cerrado não é xerófila, logo estará na dependência de um clima subúmido: a condição climática que determina o Cerrado é a mesma responsável pelo aparecimento de manchas de florestas.

Uma vez satisfeita a condição climática, o Cerrado aparecerá ou não, na dependência de fatores edáficos, de ordem nutricional; as diferenças de regime hídrico e

térmico em certos limites não implicam modificações sensíveis na fisionomia dessa matriz ambiental.

Folhas enormes, que muitas plantas do Cerrado apresentam, ausência de sinais de murchamento, mesmo no auge da seca, floração e brotação abundantes antes da estação chuvosa contradizem a noção geral de que a existência do Cerrado seja devido à escassez de água. Vários estudos de fisiologia e morfologia botânica sobre plantas do Cerrado atestam esta afirmação.

Somente a título de ilustração, citamos os autores Rawitscher, Rachid e Ferri. Os estudos deles destacam: grande profundidade dos solos do Cerrado; abundância de água nesses solos; profundidade considerável dos sistemas radiculares das plantas do Cerrado; presença frequente de estruturas xeromorfas na vegetação do Cerrado, como estômatos em depressões, epidermes revestidas por cutículas espessas e camadas cuticulares ou recobertas por numerosos pelos ou escamas, presença de hipoderme e parênquimas incolores, células pétreas e esclerênquimas bem desenvolvidas etc.

Todos esses elementos são, habitualmente, correlacionados às condições xéricas. E, no entanto, o estudo do comportamento da



Foto: Divulgação/Fernando Podolski



Foto: Divulgação/ Michael Dantas / AFP

vegetação do Cerrado não indica uma associação a tais condições, que na verdade não existem.

A grande maioria das plantas do Cerrado transpiram livremente e com altos valores, mesmo nos períodos de secas mais pronunciadas. As plantas do Cerrado mostram, quase sem exceção, estômatos abertos durante todo o dia, mesmo durante a seca. Também é comum encontrá-los abertos à noite.

Em geral, as reações estomáticas das plantas desse ambiente são lentas. O fechamento total das fendas estomáticas, quando se faz cessar o suprimento hídrico arrancando a folha da planta, pode se consumir em uma hora ou mais e, às vezes, nunca se completa inteiramente.

A transpiração cuticular é frequentemente muito elevada, embora as cutículas e as camadas cuticulares sejam espessas. Os déficits de satisfação das folhas são geralmente baixos, mesmo em época seca. O valor mais alto encontrado é da ordem de 5% do conteúdo máximo de água.

Há evidente contraste por exemplo com as plantas da Catinga, do trópico semiárido, em cujo ambiente tanto árvores como arbustos têm reações estomáticas muito rápidas, reduzindo em mais de 50% o valor inicial de sua trans-

piração em apenas dois minutos após cessar o suprimento de água e completando o fechamento estomático em cinco minutos.

Esses poucos dados apresentados demonstram a complexidade dos processos adaptativos pelos quais passou o Cerrado. Processos estes que exigiriam longos períodos de tempo geológico calculados em milhões de anos.

Portanto, para que uma floresta equatorial semelhante à Amazônica, com a história evolutiva que tem, possa se transformar em Cerrado, seriam necessários alguns milhões de anos para que se criassem algumas condições vitais adaptativas, tais como: clima subúmido de temperatura amena e com significativa amplitude térmica entre o dia e a noite; tipos específicos de solo.

Se fossem originadas estas condições, que não são fáceis de serem concretizadas, porque nem sempre existe a rocha matriz e suas interações milenares para a formação dos solos (somente para citar um exemplo), possivelmente poderia ocorrer a migração de algumas espécies de plantas de Cerrado para a nova área que seria formada.

Uma área de Cerrado degradada jamais voltará a ser Cerrado com toda a sua biodiversidade. Alterando-se as condições de solo

para melhor, através de correções, até uma floresta pode ser criada no local, mas Cerrado nunca mais.

À primeira vista, este novo ambiente portentoso parece ser até mais encantador, mas se penetrarmos além das aparências, perceberemos que ecologicamente o prejuízo seria enorme e irreversível, a começar pela recarga dos aquíferos que não seria mais a mesma, em função do complexo sistema radicular que caracteriza as plantas do Cerrado e que retém cerca de 70% das águas das chuvas. O sequestro de carbono da atmosfera também seria afetado.

Portanto, se os efeitos globais de mudança ambiental caminharem no sentido que apontam os estudos climatológicos, é bem provável que as antigas dunas de areias depositadas na Amazônia durante o Pleistoceno voltem a ficar expostas sem a vegetação, que morreu pelo aumento da temperatura e pela falta de umidade. Mas não devemos cultivar a ilusão de vermos novamente o Cerrado na Amazônia.



Altair Sales Barbosa - Arqueólogo. Antropólogo. Sócio Titular do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás. Pesquisador do CNPq. Pesquisador Convidado da Universidade Evangélica de Goiás. Conselheiro da Revista Xapuri desde dezembro de 2014, ano de sua fundação.

MARY ALLEGRETTI: UMA COMPANHEIRA IMPRESCINDÍVEL

Júlio Barbosa de Aquino



Foto: Arquivo Pessoal/ Mary Allegretti

"Foi a Mary Allegretti quem, em 1985, durante o governo Sarney, organizou uma reunião de seringueiros em Brasília."

Mauro Almeida

"A Mary começa a articular com algumas entidades, me chama, eu vou a Brasília em maio de 85, e se começa a articular então o Encontro Nacional dos Seringueiros em Brasília."

Chico Mendes

Nós sabemos que Mary Helena Allegretti é antropóloga, doutora em desenvolvimento sustentável, pesquisadora acadêmica, especialista em políticas públicas na área socioambiental, uma cientista social famosa e respeitada em questões de conservação e proteção da Amazônia no Brasil e no mundo inteiro.

Mas, pra nós, desde que chegou aqui pelo Acre pra fazer sua dissertação de Mestrado em Antropologia, que ela terminou em 1978, a Mary é, acima de tudo, essa nossa companheira imprescindível que sempre esteve – e continua – conosco desde muito cedo nessa nossa trajetória de luta na floresta.

Na verdade, nesses nossos 38 anos de CNS, e mesmo antes do CNS, tudo por aqui tem o dedo

da Mary. Foi ela quem, junto com Chico Mendes e com o pessoal do STTR de Xapuri, fundou, em 1981, o Projeto Seringueiro, nossa primeira experiência em alfabetização de adultos na floresta.

E, falando do CNS, foi a Mary quem organizou aqui em Brasília o nosso I Encontro Nacional dos Seringueiros, em outubro de 1985. Até hoje não sei como, mas ela conseguiu trazer seringueiros do Acre, do Amazonas e de Rondônia. Foi nesse encontro que criamos o CNS. Foi também naquele encontro que o Chico Mendes lançou a proposta de Reserva Extrativista, construída por nós, mas que a Mary ajudou a pensar, articular e viabilizar.

Depois, em 1986, fundou o Instituto de Estudos Amazônicos (IEA), para fortalecer as Reservas Extrativis-

tas. Foi Secretária de Coordenação da Amazônia no Ministério do Meio Ambiente (1999–2003), quando ajudou a fundar o PPG7, Secretária de Planejamento e Meio Ambiente do Estado do Amapá (1995–1996), professora visitante de muitas universidades norte-americanas e consultora do PNUD, do GEF, do BID e de vários outros órgãos da Cooperação Internacional.

Mas, com toda essa história de sucesso, não teve um só momento ao longo dessa nossa caminhada em que Mary não estivesse junto conosco, como agora, no VI Congresso, fortalecendo a nossa luta. Nós te agradecemos por tudo, Mary!



Júlio Barbosa de Aquino – Líder Extrativista. Parceiro de Chico Mendes nos Empates. Presidente do CNS.



CHICO MENDES

CHICO MENDES: "O GRITO VERDE QUE ANDA"

Pedro Tierra

Francisco. Chico. Chico Mendes.
Seringa. Seringueiro. Seringal.

Legião de homens e sonhos.

Verde rompendo o verde.

Punhal aceso na memória
da água, da pedra, da madeira.

Dos homens?

A sumaúma, a seringueira,

a pedra do monte Roraima,

o sangue que mina do tronco

nos seringais de Xapuri indagam:

onde anda a sombra exilada de Chico Mendes?

Organizador dos ventos gerais

que combatem depois das cercas,

de todas as cercas da Terra...

Chico: um grito verde que não cessa.



Pedro Tierra -
Poeta da Resistência.

ANGELA MENDES:

COMPROMISSO COM A RESISTÊNCIA

Zezé Weiss



Foto: Arquivo Pessoal/ Angela Mendes

Entrei em um buraco de desespero por não compreender como uma pessoa tão querida como o meu pai podia ser morta daquela forma tão covarde”, diz Angela.

A filha de Chico conta que até hoje sente muita falta das brincadeiras, do carinho que os dois tinham um pelo outro, e fala da última vez em que se encontraram: “Nossa despedida foi de muito carinho, de muita compreensão, a gente ficou de se ver dias depois e, de repente, pronto: eu descobro que não vou vê-lo nunca mais”.

Este ano completam-se 35 anos do assassinato de Chico Mendes. A ambientalista Angela, ex-secretária da mulher extrativista do CNS, organiza, de 15 a 22 de dezembro, mais uma Semana Chico Mendes, com cinco empates temáticos: Memória e Legado; Sustentabilidade e Bem-Viver; Justiça Climática; Mulheres e Juventude que, como os igarapés da floresta, vão desaguar em um grande Empate de Retomada, em defesa do legado de Chico Mendes.

Angela comenta: “Três décadas e meia depois, aqui estou eu, uma mulher da floresta, trabalhando no Comitê Chico Mendes, no Acre, e correndo mundo, como um dia fez meu pai, em defesa dos povos da Amazônia. É essa a maneira que encontro para honrar a memória, defender o legado e manter vivos os ideais de Chico Mendes”.

Angela Maria Feitosa Mendes – Presidenta do Comitê Chico Mendes. Conselheira da Revista Xapuri. Ex-Secretária de Mulheres do CNS.

Em 22 de dezembro de 1988, Chico Mendes foi assassinado com um tiro de escopeta no quintal de sua casa em Xapuri, no Acre. Ao longo dos anos, Angela Mendes, a filha mais velha de

Chico, à época uma jovem de 18 anos, fez da dor da perda do pai compromisso com a resistência.

“Quando meu pai morreu foi horrível, foi como se o chão tivesse fugido debaixo dos meus pés.



Foto: Divulgação

DIONE TORQUATO: PRIMEIRO SECRETÁRIO DE JUVENTUDE DO CNS

Nasci na Floresta Nacional de Tefé-AM, sou filho e neto de seringueiros. Desde pequeno ouvi falar de Chico Mendes e de sua luta contra a destruição da floresta amazônica. Histórias de coragem e resistência para defender seu território ecoavam em meus ouvidos.

Sempre sonhei em conhecer sua cidade e sua casa, até que, em 2016, tive a felicidade, tive a honra de viver esse sonho, visitar Xapuri e a casa de Chico Mendes, na companhia de sua filha Angela, que conheci em Belém do Pará, no ano de 2013.

Chico, obrigado por ter lutado por nós. Obrigado por ter falado ao mundo sobre a importância de proteger a Amazônia e por dar voz aos nossos povos e territórios. Eu gostaria muito de ter tido a chance de conhecer você, para

te dizer, pessoalmente, que a sua luta não foi em vão.

Hoje, aos 36 anos de idade e com duas filhas adolescentes, tenho a cada dia mais certeza de que fiz o que tinha que ser feito ao dedicar a minha vida a honrar sua história e a lutar pela continuidade de seu legado, que continua a inspirar muitas pessoas, especialmente nós, que ainda somos jovens.

Você está presente em cada semente plantada, em cada árvore protegida e em cada atividade de promoção de uma cultura de conservação e respeito à natureza. Você nos ensinou a amar e a respeitar a Amazônia, a lutar por nossas terras e por nossa dignidade.

Passados todos esses anos e diante de tantos desafios, cabe a cada um e a cada uma de nós continuar com sua luta, pois

entendemos que jamais haverá igualdade social enquanto houver opressão sobre nossos povos.

Que não haverá justiça e inclusão enquanto nossos territórios estiverem sob o poder do grande capital. Que não há como construir sonhos enquanto a nossa liberdade estiver limitada pela ausência do Estado com suas políticas públicas.

Essa compreensão que hoje temos do mundo é porque lá atrás você, Chico, nos ensinou que outros mundos são possíveis quando lutamos por liberdade, igualdade e justiça socioambiental. Seu exemplo de coragem e amor pela vida jamais será esquecido.

Viva você, Chico Mendes!



Dione Torquato - Primeiro Secretário Nacional de Juventude do Conselho Nacional das Populações Extrativistas. Atual Secretário-Geral do CNS.



ATANAGILDO DE DEUS MATOS (GATÃO): PRESIDENTE DO CNS (1995–1998)

Marcos Jorge Dias

Atanagildo de Deus Matos, o grande líder extrativista conhecido como Gatão, nasceu na comunidade de Castanheiro, no alto rio Oeiras, município de Oeiras do Pará (hoje essa localidade fica dentro da Reserva Extrativista Arióca/Pruanã), em uma área onde a família sempre viveu do extrativismo florestal e da agricultura de subsistência.

Gatão começou suas atividades políticas em 1968, com a organização das comunidades de base incentivadas pela igreja católica, quando reunia as famílias para reivindicar: escolas, saúde, documentação pessoal, defesa das terras etc.

Em 1973, foi eleito diretor do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Oeiras do Pará e, a partir daí, sua trajetória política foi ampliada para todos os municípios, sempre com a função de esclarecer as pessoas e de incentivar os trabalhadores rurais a lutarem por seus direitos.

Na segunda metade da década de 1970, quando o governo federal criou para a Amazônia a campanha com o slogan: “terra sem homem, para homem sem terra”, Gatão percebeu a necessidade de articular trabalhadores rurais de outros municípios do estado do Pará, com a finalidade de resistir contra a grilagem de terra, a derrubada de floresta e a violência no campo.

“Era uma luta desigual. Poucos dirigentes tinham coragem de se expor (Oeiras do Pará, Baião, Paragominas e Maracanã), na época o governo era militar, não havia apoio, a não ser alguns setores da igreja católica e a Contag, muito discretamente”, conta Gatão.

Em entrevista à educadora Cristina da Silva, relatou:

Resistir contra o desmatamento, à época, não era bem visto, a ordem do governo da ditadura militar era “desbravar” a Amazônia, trazer desenvolvimento, eliminar os “pre-

guiçosos”, integrar ao resto do país aquela grande área ociosa. Mas nós não nos intimidamos, continuamos ampliando nosso trabalho de informar e esclarecer a importância dos moradores, da floresta, dos rios e da fauna. Foi assim que organizamos o primeiro encontro dos trabalhadores rurais de área de conflito de terra na Contag, em Brasília, Chico Mendes também estava presente.

Esse processo de articulação se ampliou para a região amazônica em outubro de 1985, quando foi criado o CNS, com a finalidade de lutar em defesa dos trabalhadores extrativistas da Amazônia, segmento de trabalhadores rurais que extrai da floresta produtos que geram a renda principal para o sustento de suas famílias sem prejudicar o meio ambiente.

“Naquela época, a grande maioria dos dirigentes de sindicatos da Amazônia não incluíam em seus planos de ação a defesa da floresta, e a economia extrativista era secundária para eles. Foram esses motivos que nos levaram a criar o Conselho Nacional dos Seringueiros”, relembra Gatão.

Durante os anos 1980, foram consideráveis os avanços no reconhecimento da existência das populações extrativistas da Amazônia. O Movimento conseguiu que o Incra criasse os primeiros projetos de assentamento extrativista, no Acre, no Amazonas e no Amapá, na luta em defesa da floresta.

Participei ativamente da reorganização do sindicalismo na região, contribuimos no processo de criação da CUT, assim como na luta pelo fim do governo militar e por eleições diretas em todos os níveis. Nesse período, perdemos companheiros valiosos, dos quais destaque de maior repercussão: Wilson Pinheiro e Chico Mendes, no Acre; Raimundo Gingo, Benezinho, Zé Pião, João Canuto, Gabriel Pimentá e Paulo Fontellê, no Pará. Todos assassinados por pistoleiros.

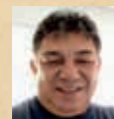


Foto: Divulgação/Miguel Chikroka

Isso mostra a forma de ação dos grileiros, madeireiros e latifundiários em relação às populações que há centenas de anos habitam a região. Esse processo nos fez compreender que a luta em defesa da floresta e das populações que nela habitam não pode ser só localizada, mas que necessita de apoio de outras pessoas, de dentro e de fora do país.

Atanagildo de Deus Matos é um dos fundadores do CNS. No Pará, principalmente, desenvolveu uma grande rede de organização comunitária, foi um dos articuladores da criação de Reservas Extrativistas (Resex) e de Projetos de Assentamento Extrativista (PAE) na Amazônia Legal.

Desde antes da criação do CNS até os dias de hoje, Gatão é um dos grandes líderes do movimento extrativista, que segue em seu trabalho incansável de articular políticas públicas para a Amazônia.



Marcos Jorge Dias – Escritor. Estudante de Jornalismo. Conselheiro da Revista Xapuri. Perfil produzido com base em entrevista de Gatão à educadora Fátima Cristina da Silva.



Foto: Antenor Pinheiro

CHÃO URBANO PARA TODOS

— Antenor Pinheiro, especial de Bogotá, Colômbia

Terra pública urbana, espaço coletivo produzido e repartido. Vastos mosaicos buliçosos enfeitam o solo nas quatro estações, feito ladrilhos ajuntados em movimento ritmado, sinergia telúrica permanente sobre redes viárias justas, baralham lindamente paisagens outrora arruinadas, agora convertidas em desenhos pulsantes no chão socia-

lizado. Milhares de gente misturada em dinâmica continuada garante a cinesia frenética que homenageia a equidade de seu uso. Enleva e celebra a conquista do sentido social da vida coletiva, solidária; chancela a essência democrática inclusiva na produção e uso do espaço urbano, fator de igualdade, paz e urbanidade sobre a barafunda cotidiana.

É tornar a cidade um direito sagrado de acesso público, prenúncio do malogro do caos individualista que infelicita; é confirmar que um mundo novo é possível - agora o sei!



Antenor Pinheiro - Geógrafo. Membro do Conselho Editorial da Revista Xapuri.





CÉLIA REGINA DAS NEVES: REFERÊNCIA NA LUTA EXTRATIVISTA

Marcos Jorge Dias

Originária da Resex Marinha Mãe Grande de Curuçá, no estado do Pará, Célia Regina das Neves iniciou sua militância no CNS em 2003, onde ocupou a Secretaria da Mulher Extrativista. Atualmente, Célia é a secretária da mulher da Confederação das Reservas Extrativistas Marinhas - CONFREM.

Em 2007, durante a V Reunião Ordinária da Comissão Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (PCTs), ocorrida no dia em 17 de novembro, em Belém-PA, Célia assumiu oficialmente a suplência do líder extrativista Pedro Ramos na representação do CNS. Era mais um posto galgado numa longa trajetória de lutas e contribuições com o CNS.

À época, a reunião teve como pauta a consolidação de políticas que pudessem garantir direitos, reduzir desigualdades sociais e, principalmente, discutir as difi-

culdades enfrentadas pelos PCTs nas questões previdenciárias, aposentadoria, licença maternidade, direitos das mulheres negras, quilombolas, ribeirinhas, quebra-deiras de coco... mulheres vivendo em condições de extrema dificuldade, que tinham pouca ou quase nenhuma visibilidade social.

Ferrenha defensora das comunidades extrativistas, Célia denunciou a empresa Carbonext que queria instalar um projeto de Redd+ sem diálogo transparente com as comunidades das Resex do Pará. "Eles só discutem uma cláusula com a comunidade que é de 50% para a comunidade, 50% para a empresa, mas porcentagem do quê? Eles não dizem."

O caso da Resex Mãe Grande é mais um exemplo de como os projetos de compensação de carbono se mostram, antes mesmo de instalarem-se, criando um problema para as comunidades, gerando divisão e

conflitos em processos comunitários desenvolvidos durante décadas e que já enfrentaram muitas lutas para instituir-se a primeira reserva extrativista no Pará.

As denúncias de projetos que buscam explorar a sociobiodiversidade da região se avolumam. "É preciso valorizar e defender os modos de vida das comunidades que secularmente vivem naquela região com a natureza, sendo parte da riqueza cultural e de vida que a Amazônia transborda. As propostas que tentam subverter esse jeito de viver, querem transformar os povos da floresta em assalariados, deixando seus modos de vida de lado e incorporando a lógica do capital em suas vidas," denuncia Célia Regina Neves, liderança da Resex Mãe Grande Curuçá.



Marcos Jorge Dias - Escritor. Estudante de Jornalismo. Conselheiro da Revista Xapuri.

VALDIZA ALENCAR: A MULHER DO SINDICATO

Elson Martins



Foto: Divulgação

Em dezembro de 1975, acompanhei [o mobilizador social] João Maia ao Seringal Carmem, na BR-317, entre os municípios de Brasileira e Assis Brasil, no Acre, onde aconteceu uma reunião na casa da seringueira Valdiza Alencar.

Com uma história de vida na floresta, ela cuidava de um marido doente e, mesmo assim, decidiu juntar outras famílias ameaçadas para resistir à expulsão da sua terra.

Aquela época, os seringueiros não tinham consciência de nenhum direito e se encontravam sem ânimo. Mas essa mulher decidida ouviu pelo rádio que João Maia estava no Acre para criar o Sindicato dos Trabalhadores Rurais.

Com essa informação, andou a pé 80 km até Brasileira, daí pegou um ônibus para Rio Branco, encontrou João Maia e marcou a reunião para a sua colocação [lugar onde moram as famílias seringueiras, dentro da floresta].

Maia levou o advogado Pedro Marques, que tinha um jeito muito engraçado de falar do Estatuto da Terra, do Código Civil, de uma forma que os seringueiros se sentiam amparados. Eu também fui a essa reunião.

Dona Valdiza, que ficou conhecida como a "Mulher do Sindicato", manifestou alegria enorme, sobretudo quando João Maia marcou a data para a fundação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Brasileira, o primeiro da região.

Em pouco tempo, e sob a liderança do líder seringueiro Wilson Pinheiro, assassinado em julho de 1980, o Sindicato mostrou força contra o desmatamento e a expulsão das famílias, organizando os empates [formas de resistência pacífica contra o corte das árvores da floresta].

Chico Mendes, que fora de Xapuri para Brasileira, tornou-se secretário-geral da entidade e braço direito de Wilsão, fortalecendo o Sindicato, que só veio a existir por conta da coragem e da persistência de Valdiza Alencar, a "Mulher do Sindicato".



Elson Martins - Jornalista. Membro do Conselho Editorial da Revista Xapuri. Publicado originalmente no livro Vozes da Floresta - Biografia Coletiva de Chico Mendes, lançado por Zezé Weiss em Xapuri, no Acre, em dezembro de 2008.

Com essa linda história da sindicalista Valdiza Alencar, contada pelo jornalista Elson Martins, nesses 38 anos do Conselho Nacional das Populações Tradicionais - CNS, homenageio todas as mulheres de luta que fizeram, ombro a ombro com seus companheiros, os primeiros sindicatos e as organizações de luta dos povos da floresta, como o CNS.



Bia de Lima - Deputada Estadual - PT Goiás
Presidenta do SINTEGO



SINTEGO
GENTE QUE TRABALHA A EDUCAÇÃO
SINDICATO DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO DE GOIÁS



Foto: Divulgação / Acervo CNS

CHICO MENDES PROJETO UMA UTOPIA

Ailton Krenak

Com essa experiência de Xapuri em realizar esse Encontro Nacional [dos Seringueiros] em Brasília, (...) nesse encontro se começa a descobrir outras lideranças que viviam isoladas, (...) e começa então a se expandir pra toda a Amazônia essa luta. E surge a proposta de aliança com as principais lideranças indígenas, (...) se pensa numa possibilidade de manter contato com a direção da União das Nações Indígenas. Se faz um contato, através do Ailton Krenak, com Biraci Brasil, a discussão começa a se ampliar e hoje começa-se já a acontecer os encontros dos índios com a participação dos seringueiros e a Aliança começa a se ampliar (...) Denomina-se com isso a Aliança dos Povos da Floresta Amazônica.

Chico Mendes – Depoimento a Lucélia Santos em maio de 1988.

Eu hoje fico pensando como a agenda da Aliança dos Povos da Floresta tinha um apelo tão forte e tão mobilizador. Eu acho que esse apelo tinha a ver um pouco com a novidade da nova Constituição [de 1988]. Foi nesse ambiente que o Chico Mendes projetou mais do que ideias, ele projetou uma utopia.

Com sua presença calma, com o seu próprio tom de voz – nunca tinha exaltação na fala dele e, mesmo quando ele falava das injustiças, das coisas duras que aconteciam com ele e com a floresta, a maneira dele expressar era sempre tão amorosa e tão boa que, em vez de desespero, o que o Chico passava sempre era a esperança.

A presença do Chico como uma pessoa da paz e do diálogo, naquele momento em que o Brasil vivia o seu processo de redemocratização, ficou marcada de forma muito especial naquela plantinha que nós chamamos de Aliança dos Povos da Floresta, que brotou naquele ambiente de mudança.

Apesar de todas as dificuldades, porque nada foi fácil e nem a gente sabia se a semente que nós plantamos ia vingar ou não. Quando ainda não se pensava na articulação de vários setores da sociedade, a nossa Aliança juntou índios, seringueiros, ribeirinhos e mais um monte de gente em uma só bandeira, em um espaço acolhedor para a prática da parceria e da solidariedade.

Eu me sinto orgulhoso de ter participado de tudo isso com uma turma tão comprometida com o

entendimento de que a floresta é uma lugar sagrado onde a vida se realiza de maneira plena.

Durante toda essa jornada, a presença do Chico foi sempre muito viva e muito importante. Até hoje a presença dele é tão forte e tão inspiradora que muitas vezes sinto que está bem aqui junto com a gente.

Mas hoje, passados quase 35 anos da morte do Chico, tento, com uma certa distância, re-contextualizar essa nossa história e esse legado do Chico Mendes para repassá-lo à geração que agora chega, que se acerca de nós através de nossos filhos e netos.

Ao fazer essa reflexão, penso sempre no Chico Mendes como um ser humano curioso, inquieto e instigador, que estava sempre buscando alternativas para melhorar a qualidade de vida dos povos da floresta.



Ailton Krenak – Fundador, junto com Chico Mendes, da Aliança dos Povos da Floresta. Membro do Conselho Editorial da Revista Xapuri. Imortal da Academia Brasileira de Letras.

DIRETORIAS DO CNS

(1985–2023)

Fátima Cristina da Silva



Foto: Cristiana da Silva

Em seus 38 anos de existência, o CNS realizou seis Encontros Nacionais, entre 1985 e 2004, e cinco Congressos Nacionais, entre 2005 e 2019. O Congresso de 2023, que acontecerá em Brasília, entre os dias 13 e 17 de novembro, é o sexto desde que o CNS adotou a denominação Congresso Nacional, em 2005.

O primeiro presidente do CNS foi Jaime da Silva Araújo, eleito por aclamação no I Encontro Nacional, em Brasília, junto com Raimundo Mendes de Barros, 1º Tesoureiro, e Osmarino Amâncio Rodrigues, 1º Secretário, para o período 1985–1988.

No II Encontro Nacional, foram eleitos para o período 1989–1992 Júlio Barbosa de Aquino, presidente, e Pedro Ramos de Souza, vice-presidente. No III Encontro, os escolhidos para o mandato 1992–1994 foram Atanagildo de Deus Matos (Gatão), para presidente, e Júlio Barbosa de Aquino, para vice-presidente.

Foi no IV Encontro, onde Gatão se reelegeu presidente e José Juarez Leitão foi eleito vice-presidente, para o período 1995–1998, que o CNS inovou na política de

gênero, criando a 1ª Secretaria da Mulher Trabalhadora Extrativista. Raimunda Gomes da Silva, dona Raimunda dos Cocos, quebradeira de coco do Bico do Papagaio, tornou-se a primeira secretária.

Também foram eleitas para a Secretaria da Mulher Trabalhadora Extrativista e exerceram seus mandatos nas gestões subsequentes: Maria do Socorro Teixeira Lima, Célia Regina das Neves, Angela Maria Feitosa Mendes e Nice Machado.

Manoel da Silva Cunha e Júlio Barbosa de Aquino foram eleitos presidente e vice-presidente no I Congresso Nacional, para o período 2005–2009.

Manoel da Silva Cunha foi reeleito presidente e Joaquim Correa de Souza Belo foi eleito vice-presidente durante o II Congresso, para o mandato 2009–2012.

Foi no II Congresso, realizado em 2009, que, entre as alterações do Estatuto, mudou-se o nome de Conselho Nacional dos Seringueiros para Conselho Nacional das Populações Extrativistas, mantendo-se a sigla CNS e a logomarca.

O III Congresso Nacional elegeu Joaquim Belo para presidente e Edel Nazaré de Moraes Tenório para

vice-presidenta para o período 2012–2015. A dupla foi reeleita para um segundo mandato, de 2015–2019, no IV Congresso Nacional.

O V Congresso trouxe de volta Júlio Barbosa de Aquino como presidente e elegeu Maria do Socorro Teixeira Lima como vice-presidenta, para o período 2019–2023.

Apenas duas mulheres tornaram-se vice-presidentas do CNS até o presente momento: Edel Nazaré de Moraes Tenório (2012–2015/2015–2019) e Maria do Socorro Teixeira Lima (2019–2023).

Em 2011, o CNS realizou o I Chamado da Floresta, na Resex Terra Grande Pracaúba, no Pará. Em 2013, aconteceu um novo encontro, na Resex Gurupá Melgaço, e em 2015 o III Chamado da Floresta foi realizado na Resex Tapajós Arapiuns, com a participação de mais de três mil pessoas.



Fátima Cristina da Silva –

Educadora, com especialização em Metodologia de Ensino e Gestão Descentralizada. Sócio-Educadora da Rede Mulher de Educação. Integrante do grupo da Terra. Assessora Técnica do CNS e Coordenadora dos Projetos nas Áreas de Comunicação, Educação em Saúde e Gênero.



CARTA PARA O MANO CHICO MENDES

Pedro Ramos de Sousa

Mano Chico, seu nome hoje é símbolo da luta dos seringueiros, dos ambientalistas; é símbolo do desenvolvimento sustentável e do ecologicamente correto. Seu nome hoje é grande e respeitado por toda gente que deseja um sistema econômico sem as mazelas da depredação ambiental e da contaminação do solo, da água e do ar.

Depois que você morreu, mano Chico, seu ideal e seu nome ajudaram a criar as quatro primeiras reservas extrativistas, e muitas outras vieram depois, melhorando a qualidade de vida das pessoas da floresta, que foram a razão maior da sua luta.

Mano Chico, foi realizada no Brasil a Eco-92, onde se lançou a Carta da Terra, e depois a Rio+20, e depois dela o Brasil continua participando de muitas conferências mundiais e assinando acordos e tratados, inclusive recentemente assinou o Acordo de Paris sobre as mudanças climáticas.

Mano Chico, em 2002 o nosso querido Lula foi eleito presidente do Brasil, e se reelegeu em 2006. Em 2010 foi eleita a Dilma, que tam-

bém se reelegeu em 2014, mas foi deposta em 2016 por um golpe do Parlamento com o Judiciário e com a mídia; agora, mano Chico, ela é presidenta de um banco chamado BRICS e foi morar lá na China.

Depois disso, prenderam o Lula por 580 dias pra ele não ganhar as eleições de 2018, acabou sendo eleito um genocida inominável que tentou acabar com nosso movimento, mas felizmente ele perdeu as eleições de 2022, e não é que o Lula voltou de novo, em 2023, num governo de união e reconstrução, mano Chico?

Mano Chico, no atacado o Lula e a Dilma fizeram governos muito bons, mas no varejo ficaram nos devendo. E o pior, mano Chico, é que por agora não vamos ter como acertar essa conta, porque o governo que entrou depois de derrubar a Dilma deu logo um jeito de acabar com as nossas conquistas da agricultura familiar e tem tentado de todo jeito fechar os programas indígenas. Mano Chico, o latifúndio da monocultura de exportação continua grilando nossas terras e se apossando dos nossos territórios.

O desmatamento, a degradação ambiental e a contaminação das nossas águas continuam graves.

Está faltando você por aqui, mano Chico, para trocar uma prosa com os poderosos que continuam dominando nosso país a partir dos gabinetes de Brasília.

Mano Chico, quanto a mim, ando meio perrengue, mas continuo por aqui, torcendo pelo sucesso do CNS, que nós criamos juntos e que, para incluir os novos parceiros, mudou de nome para Conselho Nacional das Populações Extrativistas, mas mantém a nossa velha sigla CNS.

Sem você por aqui, vou fazendo o que posso para seguir na nossa luta. Mano Chico, já se vão 35 anos, e todo mundo anda com muita saudade de você. Então, mano Chico, até mais ver!



Pedro Ramos de Sousa -

Fundador do CNS junto com Chico Mendes e seus companheiros, no ano de 1985. Excerto de carta originalmente gravada com Pedro Ramos por Zezé Weiss, para o livro Vozes da Floresta, em 2008. Os dados de 2023 são imaginários, com base no contexto da carta

UM SÁBIO GUARDIÃO DA FLORESTA

Elson Martins

Foto: Divulgação/ Foto: Katie Maehler / Mídia NINJA



Um dia desses visitei a Reserva Extrativista Chico Mendes, para ver de perto uma experiência, digamos, “sustentável”, que o conhecido Raimundo Mendes Barros, o Raimundão, primo de Chico Mendes, desenvolve por conta própria na Comunidade Rio Branco, no Seringal Floresta.

Raimundão teve participação destacada nas lutas históricas que os seringueiros, ribeirinhos, agricultores e índios empreenderam nos anos 1970 e 1980 para manter a floresta acreana em pé. Hoje, desenvolve várias atividades na parte que lhe coube (sua colocação tem cerca de 600 hectares) da área conquistada pelo movimento revolucionário que emergiu no Acre a partir dos anos 1970.

O valente e desprezado seringueiro, já setentão, continua empenhado em provar o que o primo assassinado em 1988 sempre defendeu: é possível viver bem na (e da) floresta sem destruí-la. Além do

látex que produz, mantém um pequeno, mas produtivo roçado com mandioca, milho, feijão e banana; o plantio de seringueiras e outras espécies valorizadas de árvores; e muitas fruteiras em volta da casa.

Caminhando pela colocação de Raimundão, encontramos alguns macacos zog-zog pendurados em galhos altos, que de algum modo integram a família do extrativista. Para comprovar isso, ele os chamou pelo nome e os bichinhos se aproximaram, nem tanto quanto ele gostaria, por causa das visitas. Ninguém duvide, porém, que esse seringueiro velho e sábio não acabe aproximando, mais do que possamos imaginar, homens e animais na floresta.



Elson Martins - Jornalista. Escritor, autor de *Acre: Um estado de espírito*. Editora Xapuri, 2022. Texto publicado em 2022, editado por limitação de espaço.

RESERVA EXTRATIVISTA CHICO MENDES

A Reserva Extrativista Chico Mendes, onde viveu Chico Mendes, é a maior do estado do Acre, com área de 970.570 hectares, onde vivem cerca de 10 mil pessoas. Abrange sete municípios, 46 seringais e 76 núcleos de base. Por ser uma reserva federal, a Resex é administrada e fiscalizada pelo Instituto Chico Mendes de Biodiversidade (ICMBio), originado da divisão do Ibama, em 2007. As famílias extrativistas estão organizadas em cinco Associações Concessionárias que, junto com o ICMBio, decidem que tipo de ações podem ser aplicadas dentro da reserva. Embora seja uma grande conquista do CNS e do movimento extrativista, a Resex Chico Mendes encontra-se hoje ameaçada pela pressão da pecuária, da exploração ilegal de madeira e, mais recentemente, do narcotráfico.



RESERVAS EXTRATIVISTAS

Em uma de suas gravações com Lucélia Santos, Chico Mendes explica, didaticamente, o conceito das Reservas Extrativistas, apresentado por ele mesmo durante o I Encontro do CNS, em 1985, em Brasília:

A proposta das Reservas Extrativistas é o seguinte: as terras [es] tão supostamente aí nas mãos dos grandes latifundiários. Em toda a área do Acre, apenas dez donos dominam todo o poderio de terras no Acre. Dez mandantes.

O que nós queremos é o seguinte: É que essas terras passem para o domínio da União, que o governo desaproprie essas áreas, que elas passem para o domínio da União, não do Estado, da União, e que elas se transformem em usufruto para os habitantes da floresta, ou seja, para os seringueiros.

E aí nós estamos colocando como proposta [o] cooperativismo, nós estamos colocando como proposta prioritária uma melhor forma de comercialização da borracha, a comercialização da castanha; nós queremos criar indústrias caseiras

para se dar prioridade às outras riquezas porque, veja bem, quando nós defendemos a Reserva Extrativista, e quando nós defendemos e que nós apostamos que a Reserva Extrativista é economicamente viável para o Brasil, para a Amazônia e para a humanidade, é que nós não defendemos simplesmente hoje só a economia da borracha, não só a economia da castanha, mas a copaíba, os produtos extrativistas que são vários em toda a região da floresta e que estão sendo destruídos: o coco da tucumã, o patoá, o açaí, a copaíba, outra série... falta pesquisa nessa Amazônia, as árvores medicinais que é impossível ser[em] contadas, falta pesquisa...

Basta que o governo leve a sério e nos dê essa possibilidade que em pouco tempo nós vamos provar que é possível se conservar a Amazônia e transformar essa Amazônia

numa região economicamente viável para o Brasil e para o mundo. Isso, nós temos clareza disso!

Neste momento em que o Conselho Nacional das Populações Extrativistas – CNS – completa seus 38 anos de luta, a Fetec/CUT Centro-Norte expressa sua gratidão a todas as lideranças que, muitas vezes colocando em risco suas próprias vidas, construíram essa belíssima jornada de conquistas e de resistência. Parabéns, CNS. Longa vida para todos os povos que, em aliança, vão forjando o futuro da Amazônia!



Cleiton dos Santos –
Presidente da FETEC-CUT
Centro Norte.



FETEC CUT
Centro Norte



ANTONIO ADEVALDO DIAS DA COSTA: PRESIDENTE DO MEMORIAL CHICO MENDES

Zezé Weiss

Quem comanda o Memorial Chico Mendes é Antônio Adevaldo Dias da Costa, seu presidente. Adevaldo possui graduação em Teologia pela Universidade Santa Úrsula (1999) e Licenciatura em Ciências Naturais pela Universidade Federal do Amazonas (2005).

Além do *currículo* acadêmico, Adevaldo tem vasta experiência na pauta extrativista. Entre 2004 e 2005, foi gerente de extrativismo da Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável do Amazonas, onde trabalhou na elaboração de um Programa Estadual para a Produção de Borracha Nativa, acompanhou o processo de implementação da Reserva Extrativista Catuá-Ipixuna, no Amazonas, e elaborou um projeto de combate à pobreza, com base

na produção extrativista, para os municípios do Rio Juruá.

Entre 2003 e 2004, foi coordenador regional do Centro Nacional para o Desenvolvimento das Populações Tradicionais (CNPT) no Amazonas. Antes disso, foi chefe da Reserva Extrativista do Médio Juruá e coordenador educacional e professor em sua terra natal, o município de Carauari, no Amazonas.

O Memorial Chico Mendes foi criado no dia 12 de julho de 1996 pelo Conselho Nacional dos Seringueiros (CNS), com o objetivo de divulgar, em nível nacional e internacional, as ideias e a luta de Chico Mendes e apoiar as comunidades agroextrativistas do Brasil.

Em 4 de maio de 1997, o Memorial Chico Mendes (MCM) tornou-se pessoa jurídica de direito privado, sem fins lucrativos, constituído na forma de associação, qualificada

como OSCIP, com sede e foro em Manaus, estado do Amazonas.

O MCM é uma entidade de assessoria técnica ao movimento social dos extrativistas e tem por finalidades a defesa do meio ambiente, a valorização do legado, das ideias e da luta de Chico Mendes e a promoção do desenvolvimento sustentável das comunidades extrativistas da Amazônia e de outras regiões do Brasil.

O foco de suas ações é o apoio ao fortalecimento da organização dos povos da floresta, na execução de projetos demonstrativos locais e na influência sobre as políticas públicas regionais e nacionais.



Zezé Weiss - Jornalista. Editora da Revista Xapuri. Perfil montado com base em dados localizados no Escavador e na página do Memorial Chico Mendes.

JOSÉ JUAREZ LEITÃO DOS SANTOS: PRESIDENTE DO CNS (1998-2002)

Marcos Jorge Dias

Perguntei um dia ao Juarez se podia entrevistá-lo.

- Claro! disse ele. O que você quer saber?

- Tudo. Disse eu.

Natural de Feijó-AC, onde hoje vive criando peixes e galinhas, e tirando açai, Juarez começou nossa entrevista falando da grande admiração que tinha por seu pai, uma liderança expressiva na sua comunidade, que tinha uma subseção do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Feijó (STR-Feijó).

Muito antes de ser um dos fundadores do PT na região, o velho seringueiro, me contou Juarez, fez uma espécie de revolução local, ao se recusar a pagar renda para o seringueiro que se pretendia dono de sua colocação. Juarez seguiu os passos do pai.

Com pouco mais de 19 anos, foi eleito delegado sindical e, em 1988, com apenas 22 anos de idade, elegeram-se presidente do STR-Feijó. No mesmo ano, organizou um encontro de seringueiros da região, com a presença de Chi-

co Mendes, a quem conheceu mais de perto naquele encontro.

Antes, porém, em 1987, os dois já haviam estado juntos em uma reunião da Comissão Pastoral da Terra-CPT em Rio Branco, onde Juarez chegou depois de, segundo ele, passar por uma situação muito engraçada:

Uma vez chegou uma mulher da CPT lá na nossa comunidade e se reuniu com o pessoal. Aí eu boicotei a reunião dela, porque eu não sabia de quem se tratava, nem o que ela queria. Em vez de ficar com raiva de mim, a mulher foi à minha casa saber a razão do boicote. Como prêmio por meu cuidado com minha comunidade, ela conseguiu uma passagem para o encontro da CPT em Rio Branco, com todos os sindicatos rurais do estado do Acre. Foi lá que vi o Chico Mendes pela primeira vez.

Juarez foi delegado sindical, presidente do STR-Feijó e presidente da Federação dos Trabalhadores em Agricultura do Acre - Fetacre. Mas, para ele, o marco mais relevante de sua vida política foi o CNS:

O sindicato me mostrou o Acre e o CNS me mostrou pro Acre, pro Brasil e para o mundo. Foi na minha gestão como presidente do CNS (quando a ministra Marina Silva era senadora da República) que conseguimos colocar os moradores da Reserva Extrativista como beneficiários da Reforma Agrária, para poderem ter acesso a ajuda residencial. A gente fez muita coisa.

Porém, segundo ele, seu maior empenho foi para a criação da Resex de Tarauacá.

Pra mim foi uma questão de honra, porque a primeira vez que fui lá vi uma miséria tão extrema... Eu passei 42 dias dentro da Resex fazendo abaixo-assinado pra levar pro CNPT, e o CNPT depois levar para o Ministério do Meio Ambiente. Tenho muito orgulho de fazer parte dessa história.



Marcos Jorge Dias - Escritor. Estudante de Jornalismo. Membro do Conselho Editorial da Revista Xapuri.



CONVOCADA

JÁ!





O Centro-Oeste é a Região do Brasil que apresenta maior número de profissionais com vínculo de trabalho não estável na educação pública. No Distrito Federal, 2/3 dos profissionais em regência de classe estão em regime de contratação temporária.

O dado levantado pelo Dieese reflete a consequência da adoção de uma política de freio na realização de concurso público para a educação pública.

Essa realidade impacta gravemente no ensino. Não pela qualidade dos profissionais temporários. Esses e essas têm expertise no que fazem. O prejuízo é na descontinuidade do trabalho pedagógico. Em muitas escolas do DF, apenas a equipe gestora é do quadro efetivo.

Diante desse cenário trágico, o Sinpro-DF intensifica a campanha “Convoca Já!”, que exige a nomeação imediata dos aprovados(as), em vagas imediatas e no cadastro reserva, no último concurso realizado para o magistério público do DF, em 2022.

A convocação imediata desse grupo foi negociada com o GDF na Greve da Educação. Entretanto, até agora, esse acordo não foi cumprido.

É lamentável ter um governo que não valoriza a educação pública, pilar de qualquer democracia.

Convoca Já!, em defesa do direito à educação para todas, todos e todes.

**CONCURSO
PÚBLICO
JÁ!**





Foto: Divulgação

EDEL NAZARÉ DE MORAES TENÓRIO: VICE-PRESIDENTA DO CNS

Iêda Vilas-Boas

A luta de Edel, essa jovem liderança guerreira das populações tradicionais, está centrada em manter os direitos preservados e em fazer com que governo e comunidade respeitem a tradicionalidade e a identidade dos povos que representa.

Nascida em 1978, em um açai-zal no município de Currálinho, no arquipélago do Marajó-PA, Edel Moraes é professora, negra, marajoara, combativa, lutadora, amorosa, amável, dedicada. Competente, reflexiva, solidária, comprometida com suas causas, uma ativista social extremamente sensível aos problemas do próximo.

Filha do Sr. Dudu e da dona Célia, trabalhadores rurais de extrativismo sustentável sempre envolvidos em Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), Edel representa muitas lutas: pelos direitos e pelo reconhecimento da mulher, pelos seus muitos companheiros e companheiras extrativistas, pela sustentabilidade do planeta, pela diminuição e aceitação das diferenças entre homens e mulheres, negros e brancos, rurais e urbanos e ainda muitas outras mais.

Criada no Marajó, Edel sabia intuitivamente que somente através da escola é que teria acesso a outros espaços para fortalecer seus sonhos e fazer deles objetivos de vida. Conseguiu e hoje o seu sonho transformou-se em sonho coletivo. Seu sonho estende-se à sua comunidade e às suas batalhas.

Para estudar, na capital paraense, onde concluiu o Ensino Médio em Escola Pública Estadual, foi de babá a empregada doméstica. Mas a vida deu voltas e trouxe Edel, em 2000, novamente para o Município de Currálinho/PA.

Começou aí seu envolvimento com o movimento social de forma mais efetiva. Em 2001 concorreu e obteve êxito na primeira eleição do Conselho Tutelar do Município de Currálinho, representando o Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais - STTR, e ali se manteve por dois mandatos, num total de oito anos.

Em 2005 entrou para a Universidade Estadual Vale do Acaraú e, enfrentando muita dificuldade financeira, concluiu, em 2008, o curso de Pedagogia, recebendo na ocasião o título de Honra ao Mérito de melhor aluna da turma. Mais um

patamar subido e com muita honra, pois foi a primeira de sua família com formação em nível superior.

Depois veio, em 2009, o curso de Especialização em Educação do Campo, Desenvolvimento e Sustentabilidade, na Universidade Federal do Pará.

Em 2010, coordenou o Território da Cidadania do Arquipélago do Marajó. Em 2012 foi eleita no Congresso do CNS para a função de Diretora Nacional, e em 2015 foi reconduzida para mais um mandato, tornando-se a primeira vice-presidenta do CNS. Em 2017, terminou o mestrado em Desenvolvimento Sustentável na Universidade de Brasília (UnB).

Em 2023, Edel foi nomeada para o cargo de Secretária Nacional de Povos e Comunidades Tradicionais e Desenvolvimento Rural Sustentável, no Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima, conduzido pela Ministra Marina Silva.



Iêda Vilas-Boas - Escritora (encantada em 8 de abril de 2022). Exceto pelo último parágrafo (atualizado pela Redação), este texto é um excerto do perfil de Edel publicado na Revista Xapuri em 22/05/2017. <https://xapuri.info/edel-nazare-de-moraes-tenorio-uma-mulher-com-marca-de-agua-de-mato-de-terra-de-flor-e-de-luta/>

MARIA DO SOCORRO TEIXEIRA LIMA: VICE-PRESIDENTA DO CNS

Zezé Weiss



Foto: Divulgação / Rede Cerrado

Maria do Socorro Teixeira Lima é vice-presidenta do Conselho Nacional das Populações Tradicionais Extrativistas (CNS), mandato 2019–2023, e diretora do Memorial Chico Mendes (MCM). Dona Socorro, como é chamada, é também presidenta da Associação de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Bico do Papagaio (AS-MUBIP), em Tocantins.

Liderança sindical desde os anos 1980 e filiada ao PT desde 1993, ela já disputou a vereança em 2008 e atuou em diversas organizações como Federação das Trabalhadoras de Agricultura do

Estado do Tocantins (FETAET); Central Única dos Trabalhadores (CUT); e Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIOCB).

Em matéria publicada no site *Elas por Elas*, da Secretaria Nacional de Mulheres do PT, em junho de 2002, dona Socorro explica as principais reivindicações das mulheres quebradeiras de coco: “Reivindicamos incentivos para a produção Agroecológica das Mulheres na Agricultura Familiar, políticas públicas como a compra de produtos da Agricultura Familiar, como o programa PAA-PNAE”.

Sobre o significado de ser vice-presidenta do CNS, dona Socorro garante que essa conquista veio da luta das mulheres extrativistas: “Ao longo dos anos tivemos dificuldades por sermos mulheres, mas, por meio de muitas lutas de lideranças mulheres, hoje temos a paridade de gênero no CNS”.



Zezé Weiss - Jornalista. Com base em informações de matéria publicada no site *Elas por Elas*, da Secretaria de Mulheres do PT: <https://pt.org.br/maio-das-trabalhadoras-o-que-querem-as-quebradeiras-de-coco/>.

JUAN CARLOS CARRASCO RUEDA: UM IMPRESCINDÍVEL COMPANHEIRO

Júlio Barbosa de Aquino



Foto: Divulgação

“Há homens que lutam um dia e são bons, há outros que lutam um ano e são melhores, há os que lutam muitos anos e são muito bons. Mas há os que lutam toda a vida e estes são imprescindíveis.”

Bertolt Brecht

Justiça para os Povos da Amazônia, quando visitaram a Finlândia e conheceram a KEPA - Finnish Service Centre for Development Cooperation, encontro que deu início a uma cooperação técnica e financeira de longo prazo que viabilizou excelentes resultados para as Reservas Extrativistas.

Foi assim também nas muitas viagens que fiz para o Estados Unidos e para outros lugares do planeta. Juan sempre me acompanha e me assessora.

Mas quando não tem viagem, esteja ele com sua amada Hilda curtindo os netos em Alter do Chão, dando um tempo no Paraná ou visitando o seu Chile natal, o camarada está sempre presente na minha vida e na vida do CNS.

De profissão, Juan é economista, mas ele é bom mesmo é de articulação, de organização das ações da luta política. Por isso, eu sempre digo que, se tem alguém imprescindível no CNS, esse alguém atende pelo nome de Juan Carlos Carrasco Rueda. Muito obrigado, Juan!



Júlio Barbosa de Aquino - Líder Extrativista. Parceiro de Chico Mendes nos Empates. Presidente do CNS.

Em março deste ano de 2023, fiz uma ótima viagem a Helsinki, na Finlândia, para um encontro com várias ONGs parceiras do CNS desde a década de 1990.

Em Helsinki, fui recebido pelo Ministro de Relações Exteriores, Pekka Haavisto, Ministro da Cooperação para o Desenvolvimento e Comércio Exterior, Ville Skinnari, me reuni com o Diretor para América Latina

e Caribe do Ministério de Relações Exteriores, Lasse Keisalo, e acabei fazendo uma agenda de três horas com assessores do Ministério do Meio Ambiente da Finlândia.

Nessa maratona toda, quem me acompanhou foi Juan. Tem sido assim desde que o CNS é o CNS. Foi assim em 1996, quando nossas entidades parceiras fizeram na Europa uma campanha intitulada

MANOEL CUNHA:

PRESIDENTE DO CNS (2005-2009/2009-2012)

____ Marcos Jorge Dias



Foto: Divulgação

Descendente dos seringueiros que desbravaram o rio Juruá nos tempos áureos do látex, que gerou imensas fortunas para os seringalistas, Manoel Cunha, como tantos outros, também foi vítima do sistema de aviamento que escravizou milhares de trabalhadores extrativistas na Amazônia.

Crescer em meio a uma gritante desigualdade social, presenciar inúmeras injustiças e as condições desumanas em que viviam muitos dos seus companheiros fez com que, desde cedo, o jovem seringueiro buscasse se engajar em movimentos que lutavam por melhores condições de vida e por justiça social.

Para Manoel, tudo começou no início dos anos 1980, quando teve

contato com o movimento de Educação de Base da Igreja Católica. Após uma aula sobre a conjuntura social brasileira, Manoel entendeu que os explorados formavam a camada mais populosa da sociedade e que, unidos, poderiam mudar aquela realidade opressora.

Manoel integrou o Movimento de Educação de Base (MEB), foi membro da articulação que criou Unidades de Conservação em Carauari, no Amazonas. Foi presidente da principal organização do Médio Juruá, a Asproc. Seu trabalho fez com que ele se tornasse reconhecido nacionalmente e, em 2005, foi eleito para comandar o Conselho Nacional dos Seringueiros (CNS), sendo presidente por duas gestões consecutivas, nos anos de 2005 a 2009 e de 2009 a 2012.

Protagonista de diversas lutas em uma região onde a ausência histórica do Estado permite que ações criminosas continuem ocorrendo (atualmente, o garimpo ilegal de ouro) e coloca em risco a vida dos defensores da Amazônia, Manoel é um grande personagem da história do CNS, da Amazônia e das lutas sociais.

Um acontecimento que marcou a vida do extrativista foi a visita, no começo dos anos 1990, do então presidente do CNS, Juarez Leitão, ao Médio Juruá, com a ideia que já fervilhava em todas as regiões da Amazônia – a criação de mais Reservas Extrativistas (as primeiras quatro Resex foram criadas em março de 1989), em especial a criação da Resex do Médio Juruá.

Com 286 mil hectares, a Resex do Médio Juruá só saiu do papel em 1997, sete anos após o pedido de criação feito por Manoel Cunha e outras lideranças locais.

Com a criação da Resex, os patrões seringalistas deixaram a área e os seringueiros finalmente se apropriaram da gestão do território, dando início a diversas ações

que transformaram a unidade em símbolo de sustentabilidade.

Em 2016, a pedido da própria comunidade, Manoel tornou-se gestor da Resex do Médio Juruá, uma das mais preservadas entre as áreas protegidas da Amazônia brasileira, segundo dados do PRODES (INPE), gerida pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), órgão vinculado ao Ministério do Meio Ambiente.

Vim parar no ICMBio por exigência da comunidade. Meu nome sempre esteve à disposição do meu povo, que me conduz para onde acha que eu tenho maiores condições de colaborar. Se um dia a comunidade achar que não colaboro mais, vou sair daqui feliz e tocar minha vida no seringal como sempre toquei, porque o que gosto mesmo é de viver no meio do mato e cortar seringa.

Não é o caso. Manoel Cunha é uma referência na história do CNS e da resistência do povo amazônica que luta contra o desmatamento e pela preservação da Floresta, patrimônio de todos e de todas as pessoas que nela vivem.

Desde que equipamentos de garimpo ilegal foram apreendidos em uma operação conjunta do Ibama e da Polícia Federal, em novembro de 2022, na região localizada entre os municípios de Carauari e Itamarati, no estado do Amazonas, Manoel passou a ser alvo de ameaças e precisou sair da comunidade onde mora, para proteger sua própria vida, após receber informações de que estaria sendo procurado por um grupo de desconhecidos.



Marcos Jorge Dias – Escritor. Estudante de Jornalismo. Membro do Conselho Editorial da Revista Xapuri. Perfil produzido a partir de entrevista feita por Wérica Lima e Leandro Chaves, publicada no Amazônia Real em 23/03/2023: <https://amazoniareal.com.br/lider-extrativistamanoel-cunha-e-a-meacado-por-combater-garimpo/>



NO TEMPO DA "PANEMA"

Gomercindo Rodrigues

"Eu ainda sou do tempo da 'panema'. Hoje não tem mais panema, mas também não tem mais caça". Foi assim que dona Cecília Mendes (tia de Chico Mendes, já falecida) me falou das crenças dos seringueiros quanto ao azar, ou "panema", na caçada. Para não ficar "empanemado" era necessário cumprir algumas regras fundamentais:

- Tinha que cortar a carne da caça e lavar a tábua só com água, sem sabão.
- A roupa do caçador que, claro, ficava manchada com o sangue da caça, tinha de lavar só com água, até tirar o sangue, sem usar sabão, para não "empanemar".
- A mulher não podia passar por cima do sangue onde a caça tivesse sido "tratada", se pisasse no sangue "botava moleza".

- A corda de tirar o couro da caça devia ser sempre a mesma, deixada no mesmo lugar.
- Ninguém podia pisar nos ossos, os cachorros tinham que roer ou, então, tinha que enterrar na mata, num "pé de pau" (próximo ao tronco de uma árvore).

No caso de "empanemar", ou ficar com "moleza" na caça, o seringueiro tinha de cumprir alguns rituais para se livrar da panema.

Uma vez, seu Quinca, esposo de dona Cecília, (também falecido) matou uma caça. A carne foi mal salgada, estragou. Uma mulher jogou a carne fora. Seu Quinca ficou mais de um ano sem matar caça. Para tirar a panema, precisou tomar banho de pau d'alho e pião roxo, e ir pra mata. No outro dia seu Quinca foi pro mato, matou uma caça, tinha perdido a panema.

Outra receita para tirar a panema é do seringueiro Raimundo Monteiro. Numa tarde, deixa-se uma "jarina" com o "olho" amarrado com cipó. Na manhã seguinte, bem cedo, com um galho de pião roxo, dá-se uma surra na jarina para tirar a "panema", falando em voz alta o nome da pessoa que "botou moleza". Porém, se não foi essa pessoa, o "empanemado" cai num febrão danado.

Para os seringueiros, esse é um recado da natureza para combater a injustiça, ou seja, antes de acusar alguém, é preciso ter certeza, caso contrário, tem-se que arcar com as consequências.



Gomercindo Rodrigues
- Engenheiro Agrônomo. Advogado. Amigo e assessor de Chico Mendes. Membro do Conselho Editorial da Revista Xapuri.

JOAQUIM CORREA DE SOUZA BELO: PRESIDENTE DO CNS (2002-2005/2015-2019)

Marcos Jorge Dias

Joaquim Correa de Souza Belo herdou do pai, o grande líder extrativista Tomé de Souza Belo, a beleza no nome e a vocação para ser liderança. Da mãe, Maria Deuza Correa de Souza, carrega nas veias o pulsar de devoção ao guerreiro São Tiago, divindade mazaganesa, razão por que, desde jovem, luta em defesa do território onde seus ancestrais assentaram morada.

Nascido em 19 de julho, Joaquim é natural de um Projeto de Assentamento Extrativista, no município de Mazagão, estado do Amapá, localidade que, por volta de 1770, recebeu 163 famílias transferidas de uma possessão portuguesa no Marrocos, na África.

Formado e forjado na Escola-Família Agrícola de Oliven Anchieta, Espírito Santo, nos anos de 1989 a 1992, Joaquim sempre esteve em lugares onde a luta do Movimento Social em defesa dos extrativistas e dos povos da floresta se fez necessária.

Duas vezes presidente do CNS, Joaquim foi também Secretário do CNS no Amapá, Conselheiro do Grupo de Trabalho Amazônico (GTA), presidente da Associação dos Trabalhadores Agroextrativistas do Carvão Mazagão, tesoureiro administrativo da Rede das Escolas-Família Agrícolas do Carvão Mazagão e membro do Fórum das Associações de Agricultores de Mazagão.

Atualmente, Joaquim é Coordenador de Projetos e Membro de Comitê Gestor e Conselhos: Projeto Puxirum (Governo Finlandês/Santarém); Membro do Conselho Assessor Externo-CAE Embrapa;

Conselho Estadual de Desenvolvimento Rural, Conselho Nacional de Floresta; Conselho Nacional de Meio Ambiente; Programa Áreas Protegidas-ARPA; Programa Comunidades Tradicionais (MMA); e Fundo Nacional de Meio Ambiente (MMA).



Foto: Divulgação

Para Joaquim, o conhecimento do extrativismo e das populações tradicionais é um aprendizado:

Desde criança é preciso saber manejar uma floresta, olhar para o céu e saber sobre a influência da lua para fazer a colheita. Isso não é valorizado, é ignorado. O governo cria institutos de educação para o meio rural, mas o olhar ainda é vesgo. Existe uma política moldada e desenhada para esse modelo moderno que se choca com o modo de vida dos extrativistas.

Profundo em seu conhecimento, Joaquim vai além em sua compreensão da realidade enfrentada por seu povo na floresta:

Hoje a gente vive num sistema muito perverso. A produção se padronizou. Já a nossa batalha na terra é de geração para geração. Foi do meu avô para o meu pai, do

meu pai para mim, e daí vai para o meu filho. Hoje essa passagem está em risco porque o nosso ambiente rural e extrativista vem sendo negado o tempo todo.

O que fazer? Joaquim, o grande líder da floresta, completa:

O instrumento que temos para defender nossos territórios é através das nossas organizações. E se não fosse esse movimento, o CNS e essa nossa resistência, não sei o que seria da Amazônia.



Marcos Jorge Dias – Escritor, estudante de Jornalismo e membro do Conselho Editorial da Revista Xapuri. Perfil extraído da entrevista feita por Maria Emília Coelho, jornalista e Assessora de Comunicação do Instituto Internacional de Educação do Brasil (IEB).
Fonte: CartaCapital.

CINZAS PARA AS AMAZÔNIAS: O LEGADO DE CARLOS WALTER

Gomercindo Rodrigues



Foto: Divulgação/ Agência ALESC

assessorou um projeto de cooperação italiana com os “campesinos” bolivianos do Departamento de Pando, na fronteira com o Brasil, região do Acre. Percorreu, estudou e escreveu sobre a Amazônia, tendo, inclusive, defendido que não havia uma só Amazônia, mas Amazônia, dadas as diversidades tanto ambientais quanto culturais, conflituais e populacionais dessa ampla região brasileira.

Mais do que um professor, Carlos Walter era um construtor de ideias, um problematizador, um companheiro de luta para todas as horas. Foi defensor ferrenho das populações tradicionais, aliado de primeira hora nas lutas contra as violências e as propostas de “uso” da floresta amazônica que expusessem ou expulsassem suas populações tradicionais de seus territórios.

Incansável defensor e difusor das ideias de todas as populações tradicionais que ocupam a Amazônia ou as Amazônia de forma sustentável e as preservam para o benefício do planeta, como seu último desejo, Carlos Walter deixou nos deixou um enorme legado: pediu à sua companheira Márcia que suas cinzas fossem divididas em três partes: uma, para ficar na sua amada UFF; outra no Cerrado, seu último “campo de batalha”; e outra, na Amazônia, dentro de uma Reserva Extrativista.

O simbolismo de querer parte de si enterrada na floresta que tanto amou é de uma sensibilidade sem par. Foi seu reconhecimento, respeito e carinho para com as populações da floresta, mas foi, também, seu recado de que suas cinzas devem servir para continuar despertando consciências para que as **AMAZÔNIAS NÃO VIREM CINZAS**.



Gomercindo Rodrigues
- Engenheiro Agrônomo. Advogado. Amigo e assessor de Chico Mendes. Membro do Conselho Editorial da Revista Xapuri.

No último dia 7 de setembro, encantou-se o professor doutor Carlos Walter Porto Gonçalves, baluarte da geografia na graduação e na pós-graduação da Universidade Federal Fluminense.

Carlos Walter conheceu Chico Mendes lá pelos idos de 1986/87, em uma das muitas viagens de Chico para o Rio de Janeiro para apresentar a proposta das Reservas Extrativistas, lançada pelos seringueiros em Brasília, em 1985, como um modelo adequado de Reforma Agrária para a Amazônia.

Logo de início, o professor de origem humilde entendeu o caráter revolucionário da proposta que, além de defender um modelo de desenvolvimento sustentável a partir das populações tradicionais, questionava um dos pilares da sociedade colonialista/capitalista brasileira: a propriedade privada.

Carlos Walter tornou-se um entusiasta das Resex e, enquanto ajudava

a aprimorá-la, passou a ciceronear Chico Mendes em vários encontros dentro da academia, não só na UFF, mas, inclusive, levando-o para a USP, onde trabalhava seu amigo, o também geógrafo Ariovaldo Umbelino de Oliveira, da Associação dos Geógrafos Brasileiros – AGB.

Juntos, Carlos Walter e Ariovaldo promoveram uma antológica palestra de Chico Mendes em São Paulo, onde Chico expôs o caos em que a vida na Amazônia se transformou a partir dos anos 1960, com a devastação de milhares de hectares de floresta, a destruição das castanheiras e seringueiras na região do alto Acre e a expulsão de milhares de famílias de seringueiros para as periferias urbanas, especialmente para Rio Branco, ou para as florestas da Bolívia.

A partir da amizade que estabeleceu com Chico Mendes, Carlos Walter veio inúmeras vezes à Amazônia e muitas delas ao Acre, onde, inclusive,

RAIMUNDA GOMES DA SILVA: PRIMEIRA SECRETÁRIA DE MULHERES DO CNS

Zezé Weiss

Foto: Divulgação/



cantins, passou por vários conflitos e várias ameaças de despejo.

Em 1986, Sete Barracas foi desapropriada pelo Incra e tornou-se Assentamento da Reforma Agrária. Foi lá que dona Raimunda dos Cocos se assentou com seu companheiro Antonio, com quem vivia desde 1983. Foi lá que, entre uma viagem e outra, muitas delas para encontros e manifestações, Raimunda plantou roça e quebrou coco.

Foi lá que Raimunda, poeta sertaneja, escreveu versos e compôs músicas denunciando crimes ambientais e injustiças sociais, porém sempre esperando.

Homenageada com o Prêmio Cidadania Brasileira (1988), Raimunda Gomes da Silva foi, inúmeras vezes, capa de jornal. Foi também protagonista de filmes, dentre eles "Raimunda, a quebradeira", produzido pelo cineasta Marcelo Silva.

Dona Raimunda fundou, junto com outras companheiras, a Associação das Mulheres Trabalhadoras Rurais do Bico do Papagaio (Asmu-bip) e o Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIOCB) que, desde 1991, atua nos estados do Pará, Tocantins, Maranhão e Piauí, em defesa da valorização das quebradeiras de coco.

Raimunda, a quebradeira de coco que se tornou doutora *Honoris Causa* pela Universidade Federal do Tocantins (UFT) e chegou a ser indicada para o Prêmio Nobel da Paz, partiu deste mundo em 7 de novembro de 2018, aos 78 anos, em sua residência, no assentamento Sete Barracas, devido às complicações de um diabetes, que já a impedia de enxergar. Deixa imensa saudade.



Zezé Weiss - Jornalista. Editora da Revista Xapuri.

Raimunda Gomes da Silva, conhecida como Raimunda dos Cocos, primeira trabalhadora a assumir a Secretaria de Mulheres Extrativistas do CNS, foi uma mulher tão cheia de fibra quanto os cocos que colheu em vida.

Nascida em Bacabal, no Maranhão, em 1940, dona Raimunda, como era chamada, só conseguiu aprender a assinar o nome quando já tinha 20 anos de idade, o que nunca a impediu de tornar-se porta-voz de quase meio milhão de mulheres trabalhadoras rurais extrativistas.

Em sua luta por melhores condições de vida para as quebradeiras de coco de babaçu do Maranhão, suas companheiras, dona Raimunda correu mundo. Dela mesma ouvi uma vez em New York, nos anos 1990, sobre seu lendário encontro com Danielle Miterrand:

Imagina eu, minha fia, que só calcei sapato com 15 anos de idade, chegando naquele palácio pra fazer palestra, convidada pela primeira dama. Me deu um frio na barriga e eu vi que as palavras não iam sair

da minha boca. Então apelei pra cantoria: "Ah, não derruba essa palmeira, ah, não devora o palmeiral, tu não pode derrubar, precisamos preservar, a riqueza natural".

O pungente canto de Raimunda deu certo em Paris, nos Estados Unidos, na Canadá, na China, na Europa toda. Também tocou corações e mentes em seu próprio país, recebeu o diploma Bertha Lutz do Senado Federal e gostava de dizer que era amiga pessoal do presidente Lula.

Mas o que dona Raimunda fez de melhor, segundo ela mesma, foi criar seus sete filhos (quatro homens, dos quais um adotivo, e três mulheres), trabalhar nos campos de babaçu e organizar seu próprio povo.

Ao Bico do Papagaio, dona Raimunda chegou em 1979. Ali, o encontro com Josimo Tavares, padre de luta, em 1983, a levou, em definitivo, para a linha de frente dos conflitos agrários. A própria terra que ocupava, junto com outras 30 famílias, na comunidade de Sete Barracas, no município de São Miguel do To-

TRANSFORMANDO O MUNDO DESDE AS PRIMEIRAS LETRAS.

15 de outubro

DIA DO/A PROFESSOR/A



Confederação Nacional dos
Trabalhadores em Educação
www.cnte.org.br

Brasil

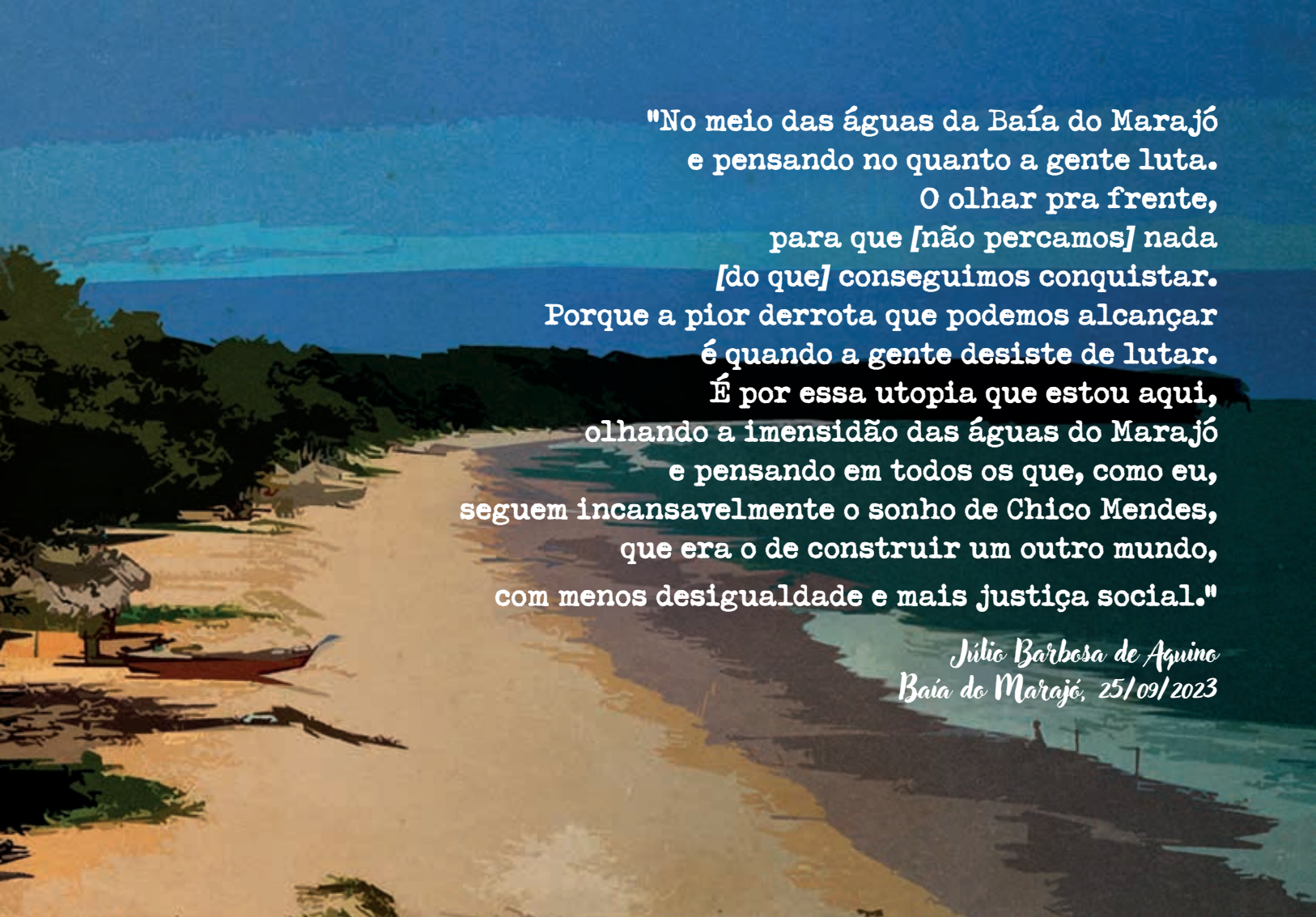
Filiada à



Fórum Nacional Popular de Educação







"No meio das águas da Baía do Marajó
e pensando no quanto a gente luta.
O olhar pra frente,
para que [não percamos] nada
[do que] conseguimos conquistar.
Porque a pior derrota que podemos alcançar
é quando a gente desiste de lutar.
É por essa utopia que estou aqui,
olhando a imensidão das águas do Marajó
e pensando em todos os que, como eu,
seguem incansavelmente o sonho de Chico Mendes,
que era o de construir um outro mundo,
com menos desigualdade e mais justiça social."

*Júlio Barbosa de Aquino
Baía do Marajó, 25/09/2023*

XAPURI

CAMPANHA ASSINATURA SOLIDÁRIA

PRA XAPURI ACONTECER, NÓS PRECISAMOS DE VOCÊ.

VENI COM A GENTE!

**REVISTA
IMPRESSA**

ANUAL

R\$ **360**,00
12 EDIÇÕES

BIANUAL

R\$ **600**,00
24 EDIÇÕES

ASSINE JÁ!

WWW.XAPURI.INFO/ASSINE

